

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)

CURSO DE PSICOLOGIA

Chiara Galloni Tedeschi

O QUE A GENTE APRENDE NA PSICOTERAPIA? UMA ANÁLISE DE POSSÍVEIS
EFEITOS EDUCATIVOS EM PROCESSOS PSICOTERAPÊUTICOS NA
ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

SÃO PAULO

2024

Chiara Galloni Tedeschi

Trabalho de Conclusão de Curso:

O que a gente aprende na psicoterapia? Uma análise de possíveis efeitos educativos em processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio

SÃO PAULO

2024

AGRADECIMENTOS

Aqueles que escolho ter por perto me fazem pensar, ser e seguir meu caminho com um pouco de cada um, por isso, agradeço imensamente

ao Gustavo que me contrapõe e me traz leveza;

às minhas irmãs, por serem exemplo;

aos meus pais, por me apoiarem incondicionalmente;

às minhas amigas Clara, Giulia, Isabelle e Luiza por estarem sempre;

à Lívia, Gisele e Giulia por tornarem a graduação possível;

às minhas companheiras de estágio que compartilharam o momento de escrita das etapas finais;

à Maca por ser referência e dar suporte em tudo que diz respeito à fenomenologia;

à meus companheiros de trabalho, em especial à Vivi, que me fez chorar de rir diariamente em meio a tanta sobrecarga;

aos meus professores de toda a vida, por me darem base, pensamento crítico e liberdade;

à Solange pela orientação cuidadosa do começo ao fim.

TEDESCHI, C. **O que a gente aprende em psicoterapia? Uma análise de possíveis efeitos educativos em processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa pretendeu investigar os possíveis efeitos educativos da psicoterapia em abordagem fenomenológica existencial, ou seja, visou-se compreender se os processos psicoterapêuticos poderiam levar a aprendizagens. Com uma metodologia de revisão bibliográfica somada a 3 entrevistas reflexivas com profissionais clínicos na abordagem, obteve-se uma discussão a respeito dos sentidos compilados (pela análise fenomenológica e hermenêutica) a partir dos relatos como partes do fenômeno. Foram os grandes núcleos de análise: sentidos da aprendizagem; método e objetivo da psicoterapia em fenomenologia-existencial; inevitabilidade do aprender. Como considerações finais, tem-se a necessidade de continuidade da interrogação, tanto pela necessidade de delimitação das práticas e método dessa abordagem de psicoterapia, quanto pela complexidade de compreensões sobre aprendizagem. Apareceram compreensões do conceito em questão como aproximadas à transmissão de conhecimento, relacionadas à abertura, autoconhecimento, capacidade de observar-se e perceber-se capaz. A aprendizagem aparece também como inevitável, própria de estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Psicoterapia, Fenomenologia-existencial, Aprendizagem, Efeitos educativos

SUMÁRIO

RESUMO	3
1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	13
3 METODOLOGIA	14
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	18
4.1 Aprendizagens em qual sentido?	19
4.2 Qual é o objetivo e método da psicoterapia fenomenológica existencial?	25
4.3 Inevitabilidade do aprender	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE I	36
APÊNDICE II	40
APÊNDICE III	41
APÊNDICE IV	54
ANEXO I	72

1 INTRODUÇÃO

O que a gente aprende na psicoterapia em abordagem fenomenológica existencial? Para pensar em aprendizagens é preciso partir de uma visão ampla do processo de aprender e da educação. Na perspectiva fenomenológica de educação Critelli (1981) coloca a educação como uma possibilidade de desocultamento das potências de ser e libertação, Paulo Freire também amplia o processo ao diferenciar educação bancária de educação libertadora.

a concepção de educação proposta por Freire (2016), em valorizar uma prática pedagógica pautada no diálogo e na criticidade, sendo feita a partir de uma relação horizontal entre os sujeitos agentes do conhecimento, seja educador, seja educando, possui sentido fenomenológico existencial tendo em a vida a noção de relação dos sujeitos entre eles e o mundo. (Lourenço; Mendonça, 2019, p.534)

A visão de aprender como absorção de informações pelos alunos, de forma depositária ou bancária - enclausurada no lugar da escola e da sala de aula - não é só reducionista, mas vai na contramão da libertação e transformação, objetivadas e cultivadas pela educação libertadora de Freire e concepção fenomenológica de educação.

Enquanto Freire elabora em sua obra a concepção de educação libertadora como aquela que coloca o sujeito como central em seu processo de aprendizagem, contextualizado em sua realidade concreta e material além de possível de conscientizar-se para transformar a sociedade - pautada no diálogo e na horizontalidade -, enfatiza sua oposição à educação bancária.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. (Freire, 1974, p.49)

Rezende (1990) apresenta a educação como processo de humanização dos sujeitos, colocando-os como ativos na história, sendo esta uma desalienação e apropriação do sujeito de si, de forma individual e coletiva. Assim, fica explícito que a aprendizagem em seu sentido amplo, não envolve apenas dois agentes: professor e aluno. Os autores evidenciam uma complexidade muito maior, uma relação com a sociedade e um esboço do sujeito enquanto ser indissociavelmente inserido na

cultura, com aprendizagens que extrapolam conteúdos, na verdade Freire (1996) indica preparar para autonomia e transformação social, Rezende (1990) evidencia a coletividade, humanização, desalienação e Critelli (1981) o caminho para propriedade do ser.

Para a fenomenologia, de qualquer jeito, o ser não está separado do mundo, e o processo de aprender insere-se nessa indivisão.

Para a fenomenologia existencial, essa consciência é intencional e é construída no mundo, sendo importante o conceito de ser-no-mundo. Dessa forma, não há possibilidade de falar em um eu individual, mas um ser em contato com o mundo a sua volta, estabelecendo relações intersubjetivas e é nessa intersubjetividade que o conhecimento se revela. (Lourenço; Mendonça, 2019, p.532)

Rezende (1990) coloca que a aprendizagem é essencialmente humana e que trata-se de aprender "de maneira humana a ser homens para existirmos como tais" (Rezende, 1990, p. 50). Nesse sentido, Freire (1996) expõe algo que é ontológico do ser, elaborando sobre a inevitabilidade do aprender.

é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (Freire, 1996, p. 57).

Ao pensar o inacabamento temos esboçados dois pontos: a ontologia elaborada por Beauvoir, Sartre e outros existencialistas que contribuem para a fenomenologia-existencial, e a temporalidade fenomenológica, o por-vir como revelador dos sentidos e projetos de ser (Melo, 2022) desses sujeitos que são permanentemente educáveis, que estão em constante busca e mudança.

Nesse sentido, há a noção de "homens como seres inconclusos" como foi citado por Freire (2016). O ser humano é entendido como um ser inacabado e isso faz parte da humanidade. Por isso, a busca pela liberdade é possível e é uma conquista a partir das escolhas efetuadas tendo em vista a ideia de não acabamento. O sujeito não é fechado em si mesmo, é sempre um vir-à-ser em um fluxo temporal (Beauvoir, 2005; Sartre; 1988). (Lourenço; Mendonça, 2019, p.532)

Não sendo fechado-em-si e nem estático, o sujeito que aprende parece ser aquele que se apropria do seu projeto de ser, ou seja, projeta-se no futuro a partir do sentido desvelado. De acordo com Critelli (1981) a educação é justamente o ato de levar alguém para fora da condição inautêntica ou para a possibilidade de autenticidade.

Ainda, é possível relacionar essa busca ou necessidade de mudança - protagonizada pelo paciente - com a ida a psicoterapia pela presença de sofrimento ou vontade de autoconhecimento, isto porque, a psicoterapia de forma ampla é considerada

arte e a ciência que se dedica ao alívio do sofrimento humano, decorrente de conflitos e desordens emocionais. (...) A psicoterapia é um processo comunicacional no qual uma pessoa (o profissional) comprehende e intervém em outra pessoa (paciente/cliente) que busca ser ouvida ou tratada. Esse atendimento pode ser individual ou grupal, para casais ou para famílias, podendo assumir práticas ampliadas como atendimento à comunidade, nas mais diversas combinações sociais e culturais. (Gomes; De Castro, 2010, p.83)

Outras concepções da psicoterapia podem ser investigadas, mas para os fins dessa pesquisa o mais relevante é compreender se para além do "alívio ao sofrimento humano", existem efeitos educativos e como estes aparecem.

Nas diferentes abordagens variam as técnicas e comprehensões de como fazer as intervenções e, no caso da fenomenologia-existencial existe uma multiplicidade de vertentes. Os terapeutas baseiam-se em Heidegger, Sartre, Husserl (enquanto filósofos) e autores que elaboram sobre a psicologia e a clínica como Rollo May, Medard Boss, Binswanger - entretanto, evidencia-se uma dificuldade em delinear exatamente um respaldo comum na prática dos profissionais e, por isso, justifica-se a escolha de uma pesquisa qualitativa a partir de experiências pontuais.

Em uma retomada breve de como algumas práticas pautam-se na fenomenologia-existencial, Gomes e De Castro (2010) evidenciam os objetivos da psicoterapia como investigação da história do paciente (como nos demais métodos) mas não com a finalidade explicativa, com a finalidade comprehensiva - visando desvelar o sentido e a potência de ser, os modos de ser, através da liberdade. Ainda, esta modalidade de terapia tenta fazer a pessoa experienciar sua totalidade humana ou compreender se e como não está realizando-a. Isto é, investigar como o paciente significa suas experiências vividas passadas e como projeta-se no futuro ao desvelar o sentido desse vivido. "O objetivo será alcançado o quanto mais rápido o terapeuta explorar, não as estruturas temporais, mas as estruturas espaciais do mundo de significação de um paciente." (Gomes; De Castro, 2010, p.86).

De todo modo, a relevância dessa pesquisa se dá pela necessidade de investigação da clínica psicoterápica em abordagem fenomenológica existencial e as especificidades do fazer de cada psicólogo. Orenga, Holanda e Goto (2020)

demonstram que não há unanimidade dos terapeutas brasileiros que se consideram fenomenólogos da influência de Husserl e nem da diferença da psicologia fenomenologia husserliana para a psicoterapia realizada na contemporaneidade. Evidencia-se, portanto, que não há definição de um método homogêneo e, por isso, a investigação da relação da psicoterapia com a educação e a investigação das aprendizagens do paciente será feita através das experiências de profissionais clínicos na abordagem.

Ainda, ao investigar como se dão alguns processos psicoterapêuticos e compreender os efeitos para além do cuidado com o sofrimento, coletiviza-se a clínica, no sentido de investigar o que se aprende em psicoterapia e como o que é aprendido pode ser relevante, contribuindo para a sociedade e transformando-a.

Ao aproximar o pensamento de Paulo Freire, a relevância social se explicita - a educação libertadora visa libertar e transformar a sociedade - ou seja, na hipótese de que há uma relação com a clínica e as aprendizagens nesse espaço evidencia-se a possibilidade de que haja efeitos secundários do tratamento para saúde mental, sendo estes - especificamente de interesse nessa pesquisa - as aprendizagens.

Os processos de intervenção psicológica e os processos educativos (formais e informais), partindo da liberdade do homem, seriam possibilitadores da assunção de seu ser como um ser livre, que se encontra em tal situação por conta de suas próprias escolhas em meio às escolhas alheias e a certo mundo objetivo com o qual se depara, retomando-se, pois, que o homem nasce livre. O papel da psicologia e da educação seria o de levar esse homem à localização, precisamente, dessa sua condição no mundo, mediando seu processo de transcender-se para o seu campo de possibilidades de ser, muitas vezes não alcançado pela mistificação que envolve exatamente a natureza de seu ser (natureza aqui tratada como aquilo que o caracteriza), compreendida e aceita por ele a partir da cultura dominante como uma natureza determinada por condições exteriores a ele, e que, diante das quais, só lhe resta conformar-se. (Moreira; Rosa, 2014, p.420)

Ou seja, a partir do que é exposto por Moreira e Rosa (2014), há um papel social que é tanto da psicologia quanto da educação por objetivarem a liberdade diante da compreensão de cada ser dentro do mundo e de suas possibilidades de ser. Entretanto, não fica explícito como se chega a esse objetivo. Como a psicologia intervém para tal? Se na psicoterapia, poderiam estes serem considerados aprendizados?

O que vem se discutindo aqui, a relação da aprendizagem e educação com a psicoterapia não é exatamente inovadora, a percepção da psicoterapia como situação educacional pode ser considerada herança da psicanálise, que teve uma articulação com a pedagogia no princípio da exposição da clínica de Freud. Inicialmente o autor se mostrava esperançoso em relação ao papel da psicanálise para a educação, principalmente porque relacionava uma repressão educacional ao mecanismo do recalque. Mais tarde em sua obra, desculpa-se por não dar a devida atenção aos processos educacionais. (Teixeira, 2009)

Em uma retomada histórica tem-se posto que "a partir da década de 90, assistimos a um crescente interesse de educadores pela teoria psicanalítica e de psicanalistas pela educação" (Teixeira, 2009, p.11). Nesse sentido, na abordagem psicanalítica ainda são explorados os limites técnicos e teóricos do atravessamento psicanalítico na educação e vice-versa.

Além de diretamente explorado por Freud, o problema já foi exposto em "A ética da psicanálise", por Thomas Szasz (1983). O renomado psiquiatra que foi precursor da reforma psiquiátrica nos Estados Unidos discute em um breve capítulo a clínica psicanalítica como situação educacional. O autor, mais tarde, se debruçou em pensar a análise existencial como alternativa para o controle pela medicalização, inclusive discutindo a ideia de doença mental.

Nesse momento introdutório, entretanto, o ponto relevante é que o autor reitera que "A ideia de que a psicanálise é uma atividade educacional, e não médica, não é recente" (Szasz, 1983, p.79). O autor argumenta que a psicanálise é uma situação educacional e se aproxima da educação de diferentes formas, não expõe que sejam o mesmo processo (análise e educar), mas, didaticamente, coloca a ideia de situação educacional em três níveis: proto-educação, educação e meta-educação.

A primeira, trata-se de uma forma simples de educação, na qual a aprendizagem é limitada a algo específico, não há como validar se a informação passada está correta ou não - é apenas uma transmissão específica. A segunda, a educação, possibilita que quem aprende saiba verificar a informação, e saiba buscar mais informação dentro de uma mesma lógica (categoria). A última, a meta-educação, trata-se de aprender a aprender - é ensinado o modo como se aprende, como avaliar-se dentro do processo de aprendizagem e as consequências da aprendizagem.

Szasz (1983) afirma que toda psicoterapia é um processo educacional, mas a psicanálise engloba os três níveis. Isto porque, a psicanálise além de dar informações

a respeito do sistema e símbolos (que seriam ferramentas para o conhecimento de si - educação), possibilita uma educação através do modo como se faz psicoterapia, ou seja, como cada paciente aprende as coisas e como se relaciona - se relacionando. Através da transferência e das interpretações, pelo exemplo, o terapeuta emancipa o paciente da própria terapia, educa para o autoconhecimento, ensina o método enquanto aplica-o.

Segundo minha opinião, a contribuição distintiva do analista para o processo analítico não tanto no que ensina, mas em elevar a situação ensino-aprendizagem a um nível novo e mais alto de discernimento e diálogo. (Szasz, 1983, p. 81)

Nesse sentido, o problema apresentado nesta pesquisa foi discutido brevemente na abordagem psicanalítica. Szasz (1983) coloca a psicanálise freudiana como situação assumidamente educacional - evidentemente, há debates quanto a essa afirmação, mas, é inegável que se abre uma possibilidade de pensar o problema na psicoterapia amplamente, e na psicoterapia em abordagem fenomenológica, como aqui proposto. De todo modo, o autor assume que todas as psicoterapias são situações educacionais: como e por quê?

A ideia é investigar este ponto, ou próximo a isto, dado que a pergunta que guiará o trabalho é: a partir do observado e vivido, podemos enxergar efeitos educativos na psicoterapia em abordagem fenomenológica existencial? Ao perguntar para terapeutas se eles observam aprendizagens por parte de seus pacientes pretende-se encontrar relatos como o de Melo (2022) que coloca, a partir de sua experiência, que

Pessoalmente, como terapeuta, além de educadora que sou, nunca vi um processo clínico autêntico que não tivesse envolvido um processo educativo, já que ali ocorre uma intensa transformação no modo daquela pessoa ver o mundo. Isso porque um processo terapêutico envolve acesso a novas informações e crenças que se modificam ao passo que novos conhecimentos vão sendo incorporados. Do mesmo modo, nunca vi um processo de aprendizado que não fosse também terapêutico, já que, na medida em que aprendo algo sobre o mundo, tenho acesso a informações que me transformam, e essa transformação me liberta para experimentar novos modos de ser antes desconhecidos, "proibidos" ou interrompidos. (Melo, 2022, p.139).

A presente pesquisa, portanto, tem por objetivo a investigação da aprendizagem nos processos de psicoterapia individual na abordagem fenomenológica existencial. Isto é, objetiva-se compreender se, ao realizar um

processo terapêutico, o paciente tem como "resultados" elementos que podemos considerar educativos.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é investigar os possíveis efeitos educativos, ou aprendizagens, de processos psicoterapêuticos em abordagem fenomenológica existencial.

Os objetivos específicos:

- Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial
- Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos no método fenomenológico-existencial
- Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se deu de forma qualitativa, considerando a pesquisa em fenomenologia e combinando uma revisão teórica a três entrevistas reflexivas com profissionais clínicos na abordagem fenomenológica existencial, determinados por amostra de conveniência. Desta forma, o caminho da pesquisa se estruturou em três etapas: revisão bibliográfica, entrevistas reflexivas e análise das entrevistas a partir da fenomenologia e hermenêutica com articulação dos autores abordados na revisão.

Todas as etapas consideram a pesquisa em fenomenologia sistematizada por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019). Este método de pesquisa é situado, expõe quem pesquisa e onde pesquisa e visa focar no "como" o fenômeno estudado - a aprendizagem em psicoterapia na abordagem - aparece. Nesse sentido, trata-se da compreensão do relato dos entrevistados como principal meio de acesso ao fenômeno. Dado que se trata de uma pesquisa com pessoas, o plano de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e aprovado, o parecer final – de número 6578505 - está disponível na íntegra no Anexo I.

Nesta pesquisa, a primeira etapa consistiu em fazer um levantamento das pesquisas já existentes de articulação da fenomenologia com educação (especificamente a partir de Paulo Freire e comentadores). Nesse momento, foi feita a apresentação de conceitos relevantes para a pesquisa no âmbito da educação - efeitos educativos e aprendizagem - e da fenomenologia - a partir de autores como Sartre, assim como os comentadores que aproximam a filosofia da psicologia e da prática clínica. A segunda etapa tratou-se da coleta de dados a partir do instrumento denominado entrevista reflexiva (Szymanski; Szymanski, 2022) - foram realizadas três entrevistas com profissionais da clínica que se identificam como atuantes em abordagem fenomenológica existencial e que trabalham há mais de cinco anos - e a última etapa consistiu na análise, esta que foi feita a partir do método fenomenológico e hermenêutico, sistematizado por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019) que retomam os conceitos de unidades de sentido e constelações, aqui nomeadas como núcleos de sentido.

Na etapa de coleta de dados, utilizando as entrevistas reflexivas, foi preciso fazer um planejamento das questões, contato inicial com possíveis entrevistados - assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido -, fase preparatória

(momento introdutório para conhecer entrevistados), entrevista em si e devolutiva (tanto das questões no momento da entrevista quanto com as transcrições). O que particulariza o instrumento como entrevista reflexiva é a característica de considerar o diálogo horizontalmente e a possibilidade de verificação do compreendido. Ou seja, a entrevistadora teve a possibilidade de refletir, "curvar-se novamente sobre o que foi dito, considerar o que a outra pessoa falou e tornar explícito o que foi compreendido". (Szymanski; Szymanski, 2022, p.249), em muitos momentos confirmando informalmente com falas como: "é isso mesmo que você quis dizer?" ou "entendi bem?".

Assim, se fez prevista a presença de uma questão desencadeadora que foi de acordo com o principal objetivo da pesquisa como um todo, e depois, questões espontâneas com ênfases diferentes, sendo elas: questões de síntese para resumir aquilo que foi dito pelo entrevistado a fim de possibilitar uma reformulação caso desejada e garantir compreensão; questões de esclarecimento para garantir que houve uma compreensão adequada da entrevistadora do que foi dito pelo entrevistado - sem julgamentos; questões de aprofundamento que visam se debruçar em algum aspecto específico a ser investigado; questões de focalização, utilizadas quando o entrevistado foge do perguntado, servem para retomar o que visa ser investigado. (Szymanski; Szymanski, 2022)

Após as entrevistas, iniciou-se a etapa de análise, esta que consistiu em um movimento de leitura e releitura dos relatos coletados para formar unidades de sentido e compreensão do fenômeno. Isto é, as entrevistas reflexivas foram transcritas, foi feita uma devolutiva aos entrevistados com a transcrição das entrevistas realizadas para que houvesse uma última oportunidade de revisão daquilo que eles disseram - para garantir que a compreensão foi adequada, fortalecendo o método escolhido - e foi realizada uma discussão do encontrado a partir de dois movimentos: conversa com o texto e organização em unidades de sentido e núcleos maiores.

Como trata-se de uma pesquisa fenomenológica, a análise consiste na forma de organizar o encontrado - a leitura e releitura dos relatos para a compreensão daquilo que remete a um mesmo potencial sentido e pode, portanto, formar uma unidade pequena e depois outra maior. Ou seja, inicialmente foi destacado aquilo que chamava a atenção espontaneamente para a pesquisadora, depois, as falas foram categorizadas pensando nos objetivos da pesquisa, e então, foram criados os

unidades de sentido para análise mais profunda e, por fim, núcleos de sentido, que correspondem aos eixos abordados na análise.

Vale ressaltar que a pesquisa em fenomenologia prevê um andamento, uma caracterização da investigação como realizada em sua própria continuidade. Além disso, é esperada uma análise situada tanto no "onde" a pesquisa é realizada quanto no "quem" a realiza, que não visa generalizar e fechar a investigação, mas sim compreender o des-ocultamento do fenômeno como uma possibilidade de verdade - mutável e própria de uma existência (Critelli, 1996). Assim, o fenômeno da aprendizagem nos processos psicoterapêuticos observados pelos profissionais clínicos entrevistados revela o singular e o ato de analisar é colocá-los em uma relação de singular-todo para agregar ao problema de pesquisa.

O método de análise, portanto, se organiza a partir do diálogo com o próprio material coletado. Isto é, visando compreender "o todo a partir do singular e o singular a partir do todo" (Gadamer, 2002b, p. 72 *apud* Szymanski, Szymanski; Fachim, 2019, p. 12), realiza-se um movimento circular de compreender as partes do fenômeno estudado, visando estabelecer projetos de sentido e pedir sua confirmação ao próprio texto, para aglutiná-los em uma unidade e, depois, constelação (um "grupo" maior), tomado nesta pesquisa como núcleo.

Szymanski, Szymanski e Fachim (2019) explicitam o método de análise hermenêutico e fenomenológico a partir da produção de Gadamer, Heidegger e outros autores, enfatizando que é preciso ler de maneira flutuante, primeiro com uma escuta que visa perceber os sentidos daquilo dito (a intenção do texto), para, então, uma espécie de "conversa" com texto que visa desocultar o fenômeno observado - movimento realizado nesta pesquisa.

Apesar da pesquisa em fenomenologia estar circunscrita na visão de que o pesquisador influencia - e participa pela sua perspectiva - na coleta e análise realizadas, o método pode utilizar recursos para facilitar a conversa com o texto e a organização.

Logo, para que ocorra uma interpretação hermenêutica, em geral são utilizadas perguntas para o texto que permitem uma hipótese de sentido e comentários da entrevistadora - quem analisa pode perguntar e procurar sentidos ao dialogar com as falas coletadas dos entrevistados (Szymanski; Szymanski, 2022). Depois, é esperado unir os sentidos encontrados em unidades e depois em círculos maiores, os núcleos

- que podem ser temas relevantes que englobam essas unidades de sentidos. (Szymanski; Szymanski; Fachim, 2019)

Para que esta análise fosse realizada, a análise consistiu na criação de tabelas disponibilizadas no apêndice IV - que ilustram o movimento previsto de forma organizada. Teoricamente, entretanto, o movimento feito nessa análise é o de ampliação do sentido encontrado, da parte para o todo, tendo em vista os autores supracitados, e ainda, a consideração do todo como circunscrito na pesquisa em seu contexto e limitações.

Por fim, após a organização das unidades de sentido e núcleos, foi realizada a articulação do revelado com os autores trabalhados na revisão bibliográfica a fim de ampliar a compreensão do fenômeno estudado. Cabe lembrar que em nenhum momento foi feita uma generalização do observado ou uma conclusão fechada - típica das pesquisas quantitativas - mas sim uma apresentação do encontrado a partir do problema de pesquisa, que resultará na continuidade da interrogação.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

As três entrevistas reflexivas realizadas foram propostas virtualmente pela pesquisadora - os entrevistados foram convidados por mensagem - e as entrevistas também foram realizadas de forma remota - por uma conveniência para os entrevistados. A amostra foi selecionada pela conveniência, com o critério para convite aos entrevistados de compreensão dos mesmos de sua prática psicoterapêutica como enquadrada na fenomenologia existencial e experiência clínica de no mínimo 5 anos, a fim de garantir uma riqueza grande nos relatos apresentados.

De fato, foram três pessoas com vivências amplas e enfoques diferentes - os nomes foram alterados a fim de garantir o sigilo e anonimato dos profissionais. A primeira delas, Renata, uma profissional que teve seu percurso inicialmente ligado à rede de saúde - em um serviço de atendimento a vítimas de violência e, mais tarde, enfoque na clínica para adultos. Depois, foi entrevistada uma profissional, Alice, que revela ter se orientado por um período de seu caminho profissional na prática sócio-histórica e, mais tarde, se especializar na fenomenologia para sua prática em psicoterapia - que se trata de atendimentos, após a pandemia, principalmente no formato remoto. O último entrevistado, Julio, revelou ter sua prática sempre referenciada pela fenomenologia e seu fazer voltado para o trabalho como Acompanhante Terapêutico, além do trabalho clínico. Fez-se relevante situar um pouco do percurso de cada um, dado que estes colocam tangencialmente suas influências e olhares ao responder e pensar as questões propostas.

As entrevistas ocorreram em um período de três semanas, no mês de março, e foram realizadas de forma virtual com em média 30 minutos de duração cada. A pesquisadora pautou-se em seu interesse pela clínica fenomenológica e na área da educação, o que circunscreve a investigação em um caminho - muitas vezes evidenciado nas falas e perguntas de confirmação do compreendido, previstas no método.

As três entrevistas foram singulares, tanto em suas respostas, suas formulações, quanto em como as perguntas foram espontaneamente reformuladas para estabelecer o caminho da questão desencadeadora - a busca pelos efeitos educativos na prática psicoterapêutica. No momento inicial das três entrevistas, foram realizadas três perguntas para "aquecer" e aproximar a pesquisadora e o entrevistado da investigação proposta. A primeira, visou trazer o percurso de cada entrevistado, a

segunda, seu caminho na fenomenologia-existencial (em leituras e autores) e a terceira, seu contato com a área educacional (a fim de compreender de onde partem em suas concepções dos fenômenos estudados - aprendizagens, educação e psicoterapia).

Após o momento inicial, delimitado pela fala da entrevistadora, foi realizada a questão desencadeadora, as entrevistas transcorreram em um diálogo contínuo, para, então, serem transcritas e enviadas aos entrevistados. Como previsto na metodologia escolhida, os entrevistados podiam reformular e refazer seus relatos para garantir a compreensão, e dos três, apenas um achou necessário um pequeno ajuste - a fim de garantir o sigilo de seu relato.

De todo modo, os relatos trouxeram dados, partes de um fenômeno, delineado por aspectos aqui pontuados e por um contexto clínico em interfaces com outras áreas da psicologia. Considera-se que tanto os dados quanto a análise partem de uma intenção de quem investiga e, por isso, precisam ser lidos considerando sua validade como parte de um fenômeno que em sua totalidade é amplo, plural e complexo.

Aqui, a análise foi realizada com a leitura e releitura das falas, com perguntas realizadas ao texto para interrogar o sentido ali apresentado. Em um segundo momento da análise, as falas foram pensadas também com o olhar dos objetivos da pesquisa e foram estabelecidas unidades de sentido e depois três núcleos de sentido: sentidos da aprendizagem, método e inevitabilidade do aprender. Os núcleos de sentido pensados refletem os eixos de análise estabelecidos, sendo eles, respectivamente: (4.1) Aprendizagens em qual sentido? (4.2) Qual é o objetivo e método da psicoterapia fenomenológica existencial? (4.3) A inevitabilidade do aprender. Os relatos e as articulações com autores aparecerão em seguida com esses eixos como subtópicos.

4.1 Aprendizagens em qual sentido?

A partir do encontrado, das três entrevistas realizadas, foi possível compreender como esses profissionais diferenciam tipos de aprendizagens - dado que foi perguntado se estas apareciam como efeito da psicoterapia. Assim, não houve uma pergunta direta sobre o que são aprendizagens, mas as falas trouxeram paradoxos, complexidade e visões que se aproximam e distanciam de autores que elaboram o conceito.

De partida, a primeira entrevistada questiona "Aprendizagens em qual sentido?", e diante da possibilidade de um sentido mais amplo, começa por aquilo que lhe vem naturalmente: "(...) quando penso em aprendizagem penso em algo muito "igrejinha", muito fechadinho. Muito: isso, isso, isso" (Renata). Isto é, em seu imaginário imediato, aparece uma compreensão tradicional de ensino.

Já a segunda entrevistada, Alice, questiona "Quem sou eu para falar à pessoa o que ela deve ou não ler ou assistir?" e Julio enfatiza "quando a gente está falando de psicoterapia a gente está falando do trabalho clínico, ele não é, não tem como e não deve ser voltado para a educação".

Nesse sentido, aparece um mesmo receio nos três entrevistados: o de relacionar o psicoterapeuta a um professor que transmite conhecimento de forma diretiva e vertical. Ou seja, tem-se a compreensão de que o conceito de aprendizagem está associado à educação de forma fechada e diretiva.

Na fala de Renata, a associação ao fechado e à "igrejinha" esboça aquilo que constituiu historicamente a educação - e compreende-se que além da palavra aprendizagens evocar esse repertório, possivelmente a pergunta sobre contato com área educacional, no momento introdutório às entrevistas, pode ter levado a essa associação "mais tradicional" (igreja/escola) do aprender.

A concepção de aprender que apareceu inicialmente, então, está aproximada de um modo de ensinar. Freire (1996), entretanto, explicita que existem concepções de ensino opostas, e propõe com clareza que é preciso

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (Freire, 1996, p.47)

Neste contexto o autor fala do saber docente, mas explicita uma oposição ao que foi historicamente produzido, a chamada "educação bancária" na obra do autor. Podemos hipotetizar que esta concepção continua no imaginário dos entrevistados a respeito dos processos de ensino e aprendizagem. Há implicitamente uma noção de aprendizagem como atrelada ao ensino enquanto transmissão diretiva de conhecimento, ou direcionamento.

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível

ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante do aprender. (Freire, 1996, p.26).

Por um lado, os entrevistados reforçam a percepção dos processos de ensino-aprendizagem como indissociáveis, assim como coloca Freire (1996). Por outro, a aproximação desse direcionamento ou ensino tradicional esbarra em um fluxo de ensino para a aprendizagem. Pode-se hipotetizar que este "diretivo" indica uma relação de forma que os processos de aprendizagem pareçam exclusivamente verticais. Isto é, como se o processo fosse estabelecido sempre e exclusivamente de forma que o professor ensina para o aluno.

Entretanto, Freire (1974) expõe duas concepções de educação e enfatiza que é na relação entre educador-educando que se produz conhecimento e libertação. Ao citar, respectivamente, a educação bancária e a educação libertadora, o autor coloca que "Enquanto a primeira, necessariamente mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação". (Freire, 1974, p.39).

Nesse combate à relação verticalizada entre educador e educando, Freire (1974) explora a ferramenta do diálogo como base para a horizontalidade e possibilidade de educação que liberta, a "superação" proposta pela segunda concepção que, ainda, explora também como a autoridade ocupa um espaço diferente de autoritarismo. De todo modo, o autor busca associar a posição do docente como mais aproximada à uma "mediação" do processo de conhecer à educação libertadora, em oposição ao docente como detentor do saber e transmissor deste.

Além do mais, quando a segunda entrevistada relaciona aprendizagens inicialmente a conteúdos "psicoeducativos", temos o conceito de aprendizagens associado novamente à transmissão de informação: "sim, em alguns momentos acontece uma psicoeducação, a gente [terapeutas] trazer conteúdos para mostrar para os pacientes. Por exemplo, uma paciente que sofreu violências domésticas, normalmente eu trago algum conteúdo de Lei Maria da Penha, como ela poderia fazer denúncias, ir na delegacia da mulher" (Alice).

No entanto, isto que é chamado de psicoeducação pela entrevistada se trata de um posicionamento ético-político de garantia de direitos que deveria acontecer em qualquer contexto em que se dá o trabalho do psicólogo.

De acordo com o código de ética profissional, é princípio fundamental que a psicologia “trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP, 2005).

Ainda, o exercício do compromisso-ético aparece em outro momento, quando Renata retoma sua compreensão de educação na psicoterapia, ao delimitar que

"enquanto psicoterapeuta no particular eu não atuei tanto com o olhar para a educação, mas no SUS [Sistema Universal de Saúde] com psicoterapia eu tinha um olhar para a educação, porque a gente tinha muito um trabalho com as famílias, sobre dizer o que é violência, o modo como fala com o filho, mostrar como funciona o diálogo". (Renata)

Evidencia-se que em contextos de violência e vulnerabilidade, ou por tratar-se de uma prática psicoterapêutica em um serviço de saúde, a necessidade de informar como compreensão de educação aparece. A ideia de transmissão de conhecimento, portanto, continua a permear o discurso, principalmente das duas entrevistadas.

Alice destaca que não acha eficaz propor conteúdos para seus pacientes, ao dizer que "se a pessoa traz alguma série que ela assistiu, uma coisa que ela leu, a gente vai falar sobre aquilo, o que ela viu, o que ela achou. Mas agora eu vou trazer coisas para as pessoas, como se fosse uma "lição de casa"? Eu não faço mais isso, porque eu percebi nesse tempo que isso não é produtivo e eu fico com a sensação de que a pessoa fica me devendo essa lição de casa". (Alice)

Nesse sentido, se apresenta uma crítica às proposições que podem interferir nos sentidos dados às experiências que seriam próprias do paciente. Isto é, há uma percepção de ineficiência deste método, de proposição de conteúdos para a reflexão, descrita a partir dessa possível dívida instaurada na relação terapeuta-paciente, quando o terapeuta faz um pedido de investigação (filme, leitura, atividade) para além do tempo do atendimento.

Apesar de suas práticas não se pautarem e nem revelarem fazeres nesse sentido, em primeira resposta, os profissionais entrevistados trazem aprendizagem como algo que se associa à educação bancária, que corresponde à uma concepção

de escola tradicional e que significa um direcionamento que se apropria dos sentidos do sujeito.

Entretanto, com o passar das entrevistas, pensando nos processos de elaboração da própria psicoterapia, revelam-se alguns exemplos descritivos que complexificam a discussão do que são aprendizagens e contradizem as primeiras concepções dos entrevistados.

Alice, por exemplo, utilizou um caso para explicar tanto como a pessoa que faz psicoterapia pode alterar seu contexto e seu entorno, quanto como a psicoterapia pode tornar possível ao paciente perceber-se capaz de algo, evocando uma aprendizagem "adormecida".

"Eu tenho um exemplo de um caso de um rapaz que não conseguia conversar com as pessoas no trabalho, com outros adultos, porque ele se sentia uma pessoa que tinha uma dificuldade muito grande de falar, de colocar as opiniões dele, sempre achava que as opiniões dele eram inferiores. Então ele ficava tentando calcular qual seria o jeito certo de falar numa roda de conversa mas aí quando ele ficava tentando calcular ele perdia o timing e aí escalava, ele achava que as pessoas o achavam o extraterrestre do grupo - como se o pessoal tivesse muitas experiências e ele não, nessa comparação ele se achava nada, que não era possível. Ele resolveu que queria fazer terapia e ele não conseguia contar das coisas, (...) Ele não trazia nada, eu tinha que ficar puxando assuntos, e ele trouxe que ele gostava muito de ler, muitos livros - então a gente começou a falar muito desses livros que ele lia, e ele foi aprendendo a narrar histórias que pareciam muito interessantes, e eu fui apontando também qual é o parâmetro do que é pior e o que é melhor, enfim. E hoje em dia, ele tá entendendo que não é tão inferior assim, e que ele não é tão sem graça. Tá até namorando." (Alice)

Tendo como base esta introdução ao caso, a entrevista explicita um sentido diferente para a aprendizagem

"A ideia que eu pensei desse caso mesmo foi a da narrativa, esse exercício de aprender - aprender não, porque esse cara sabia falar, mas ele não via qualidade no que falava. A partir do momento que ele foi narrando as histórias que ele conhecia e eu fui demonstrando interesse no que ele trazia, e apontando que não tem essa hierarquia do que é bom e o que é ruim, o que é legal e o que não é legal, ele foi percebendo, se percebendo sabendo narrar." (Alice)

Isto posto, a fala traz um sentido de potência própria do paciente, diferente de alguém que é apenas receptor de algo. Ou seja, aparece a potencialidade do ser e da pessoa enquanto vir-a-ser. O por-vir como revelador dos sentidos e projetos de ser do paciente (Melo, 2022), e ainda, a contradição à noção de que o educando não é esvaziado antes e durante o processo de aprendizagem (Freire, 1996).

Ademais, Alice descreve um caso para exemplificar *feedbacks* dados pelos seus pacientes que poderiam ser considerados aprendizagens, ela descreve o método e a troca como uma possibilidade para esse olhar e abertura diante dos acontecimentos de suas vidas.

"Eu tinha um paciente que estava contando uma situação lá no casamento dele e ele contou de uma coisa que tinha lá na casa dele que era a ex que tinha colocado. Aí eu falei nossa isso parece tal coisa, e ele concordou, na semana passada ele trouxe que se eu não tivesse falado aquilo, ele nunca teria reparado, mas fez tanto sentido quando eu disse... Acho que eu estou falando nesse sentido, as pessoas trazem que de certa forma que graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?". (Alice)

Julio também indica a abertura de olhar proporcionada pela psicoterapia. "Quando a gente vai no cinema ver um filme a gente aprende, quando a gente vai fazer um passeio na cidade, a gente aprende, e quando a gente tá na terapia, o olhar se abre, você vai articulando a coisa, e você aprende também" (Julio). Aqui, o entrevistado não fala sobre o que se aprende, mas coloca que a abertura para o

mundo (a abertura de olhar) leva à aprendizagens. O entrevistado, entretanto, explicita que não há privilégio no contexto da psicoterapia para que esta abertura aconteça.

De todo jeito, nas duas falas explicita-se a abertura, na primeira pela posição do terapeuta como mediador das elaborações de sentido que geram possíveis sensações de aprendizagens em seus pacientes, na segunda, por estar no mundo, e pela abertura de olhar de outros espaços, mas também da terapia.

Em outros termos, em suas intervenções ou na terapia - seja pela abertura decorrente, seja pela proposta mais explícita - aparecem mediações de sentido que libertam, e poderiam ser compreendidas como efeitos educativos associados à educação libertadora (Freire, 1996).

"É ela falando dela mesma, de alguma forma com perguntas, questionando certas crenças que a pessoa tenha sobre ela mesma, o que ela acha que as pessoas falam, e o que ela vai vendo no dia a dia, julgamentos e tudo mais, colocando em dúvida isso, a pessoa vai aprendendo por ela mesma - mas nessa troca. Não tenho que dizer o que ela deve fazer, mas é nessa troca que ela vai aprendendo a gostar de se observar e lidar mais com as crenças que são dela e nisso ela vai aprendendo". (Alice)

Nesta última fala, é possível observar uma compreensão do método e objetivo da psicoterapia fenomenológica existencial como processo que direciona para aprender a se observar, se gostar e elaborar sobre si mesmo?

4.2 Qual é o objetivo e método da psicoterapia fenomenológica existencial?

Nas três entrevistas foi perguntado o objetivo da psicoterapia em fenomenologia-existencial e apareceram três formulações diferentes, resumidamente e respectivamente em ordem de entrevistados: trabalhar aspectos emocionais, sentimentos, autoconhecimento e relações; aprender a se amar mais, buscar a si mesmo ao observar-se; o objetivo é determinado pela pessoa (paciente) e revela-se no processo.

Assim, parte-se de uma percepção de que, como demonstrado pela falta de unanimidade na compreensão do que é psicoterapia fenomenológico-existencial e suas influências anunciada por Orenga, Holanda e Goto (2020), existe uma gama de possibilidade e manejos diferentes - não melhores ou piores.

Robles (2022) faz uma divisão didática de possibilidades de terapia existencial. Traz três enfoques diferentes para o trabalho dos profissionais: a orientação reparadora/clínica, a orientação educativa e a orientação exploratória. O autor enfatiza que, a primeira acaba por ter um sentido de diminuição de mal-estar ou sofrimento psíquico, a segunda uma "melhora" na própria existência, conscientização e/ou aceitação da tragicidade da vida e a terceira como forma de exploração de experiências e compreensão destas e de sua existência. Gomes e De Castro (2010) em acordo com este último enfoque evidenciam os objetivos da psicoterapia com a finalidade compreensiva, o desvelamento dos sentidos e da potência de ser.

De todo modo, Robles (2022) evidencia que há uma necessidade da presença da última orientação para que a psicoterapia em questão seja fenomenológica e existencial, apesar de haver momentos e manejos que se aproximam dos dois outros enfoques elaborados.

No meu ponto de vista, o sobrenome "fenomenológica", que se acrescenta à terapia existencial, sublinha um enfoque que tenta se desenvolver de maneira exclusiva na orientação exploratória, ainda que alguns praticantes, devido ao contexto particular de sua prática, tendam a se apoiar temporalmente em alguma outra orientação (Robles, 2022, p. 133).

Na tentativa de compreender os sentidos das falas dos entrevistados, foi feita uma aproximação à elaboração de Robles (2022) a fim de ver como estes enfoques atravessam as práticas dos profissionais entrevistados. Vale ressaltar que, apesar desta pesquisa não formular uma investigação de objetivo educacional na psicoterapia fenomenológico-existencial, a busca pela aprendizagem como consequência do processo, traz a necessidade de discutir como se faz o trabalho em psicoterapia de fato e como este trabalho é guiado ou não por um objetivo (o método nesta abordagem).

Dessa forma, quando são compiladas falas que descrevem casos e objetivos da psicoterapia na abordagem em questão, temos as orientações educativas e reparadoras tangenciando o fazer, os "momentos" elaborados por Robles.

"Eu tenho por exemplo um paciente que era muito difícil para ele se expressar, que eu brincava com ele em sessão que ele não problematizava a vida, e a gente falou muito disso. Ele perguntava "mas eu preciso problematizar?", e eu colocava não num sentido negativo mas em um sentido de questionamento. Hoje, ele questiona muito mais as ações. Antes, as coisas chegavam prontas pra ele e ele confiava. Agora ele consegue questionar se faz sentido, se é aquilo que ele quer para a vida dele, questionar se está errado." (Renata)

Neste exemplo tem-se um sentido claro da influência da mediação do terapeuta para que o sujeito elabore os sentidos, explorando suas experiências - o que é próprio da orientação exploratória. Mas, também, há uma tentativa de conscientização da existência pouco "crítica", o que pode ser considerado um pouco mais educativo.

Além disso, se explicita a compreensão como necessidade da psicoterapia como processo, o que garante seu caráter fenomenológico, tanto quanto a temporalidade. Nesse sentido, duas falas da primeira entrevistada podem ser apresentadas

"Até falo em supervisão, tenho uma paciente que está em um relacionamento tóxico mas não posso chegar para ela e falar: Oi, você está em um relacionamento tóxico. Então eu tenho que entender, tentar entender com ela, como é, o que é, o que ela gosta e não gosta, se fosse uma amiga dela, como ela veria a relação. Então eu tenho que dar uma volta para questionar esse paciente e de repente chegar." (Renata)

"O que me encantou na "Feno" [fenomenologia] é o olhar para o futuro, sempre tem um "não importa o que o mundo fez de mim, o que importa é o que eu vou fazer com o que o mundo fez de mim". (Renata)

Na primeira fala de Renata há uma intenção de não-direcionamento revelada pela explicitação da estratégia de "dar uma volta" para o paciente chegar em uma

compreensão - o que a primeira vista parece concordar com a orientação exploratória mas possibilita o questionamento de deste movimento como intervenção que acaba por encaminhar o paciente para chegar a uma conclusão esperada pelo terapeuta, e vai em contradição com o necessário do paciente desvelar sentidos próprios de suas experiências. Na segunda fala da entrevistada, entretanto, está apresentada a ausência de determinação causal e a temporalidade que é própria do método fenomenológico.

Julio enuncia uma aproximação mais aguda com a orientação exploratória - elaborando um certo "não-objetivo" como objetivo. "é aquela pessoa que vai mostrar esse objetivo, eu não vou apontar um objetivo, até porque o que pode ser um objetivo para mim, pode não ser para ele" (Julio). Isto é, a fala do entrevistado vai de acordo com a compreensão de que não é prevista nenhuma meta para o processo psicoterapêutico além da qualidade da relação entre terapeuta e paciente (Robles, 2022).

Ao pensar efeitos da psicoterapia fenomenológica existencial na sociedade, também aparecem descriptivos em relação ao método. A abertura para o mundo, que é premissa do ser compreendido fenomenologicamente e, também, exercício da atitude fenomenológica, em uma possível tolerância maior à diversidade. Isto é, ao ser questionada sobre a relevância social, sobre o impacto na coletividade de um indivíduo após um processo de psicoterapia individual, Alice coloca que

"Talvez ela [a pessoa que termina um processo psicoterapêutico] consiga ter mais empatia com o outro. Começa a ter mais paciência talvez, de tentar entender e me colocar no lugar do outro, porque essa pessoa talvez passe por uma situação que eu já passei. Pense mais a partir desse movimento de estar refletindo sobre as questões da vida, talvez a pessoa passe refletir também como outras pessoas." (Alice)

Renata, também coloca algo no sentido da possibilidade de ser respeitoso com os outros, de estar bem para ajudar o outro, mas logo explicita que este estar bem não é ser uma boa pessoa, mas abrir-se para a diferença e saber lidar com a emoção dos outros. Alice, além da fala apresentada a pouco, pondera que a pessoa que vai à terapia já tem certa criticidade sobre suas atitudes, a entrevistada entende que seus

pacientes saem do processo com um pequeno impacto de diferença nas relações com pessoas de seu núcleo próximo. Esta entrevistada, ainda, adiciona que a psicoterapia é reflexo da sociedade, se sustenta pela manutenção da construção social como ela é, e portanto, não transforma a sociedade estruturalmente.

De todo jeito, nas duas respostas, de Alice e de Renata, aparece uma ideia de empatia, dado que colocam que ao pensar seus objetivos de vida, conflitos, "quereres", crenças, seus pacientes acabam fortalecendo a possibilidade de ver o que os outros passam também.

Já Julio enfatiza a ideia de que a psicoterapia não deve e nem melhora ninguém, mas permite a liberdade de ser.

"Não sei se acredito tanto que um indivíduo melhor faz uma sociedade melhor, eu não sei se isso é uma verdade, não sei mesmo. Então, acho que se todo mundo fizesse psicoterapia a gente teria uma sociedade melhor? Não sei. Eu acho que não. Talvez a gente tivesse pessoas mais seguras de si [mesmas] para serem quem elas são, mas as pessoas nem sempre são boas pessoas, e a terapia nada mais faz do que permitir que as pessoas sejam quem elas são, então a terapia não melhora ninguém, ela não faz isso." (Julio)

De todo modo, mesmo que não mudem, melhorem ou transformem a sociedade, para que as pessoas sejam mais "seguras de si", o conhecer-se é atravessado. Ou seja, mesmo que não objetivado, nos três relatos inclui-se uma noção de autoconhecimento.

Além da fala supracitada, as duas primeiras entrevistadas colocam em suas elaborações

"O objetivo da psicoterapia é a pessoa aprender a se amar, a pessoa aprender a se entender, a buscar a si mesma, a prestar mais atenção no que é importante para ela e aprender a gostar disso, aprender a se amar mais, de fato, se criticar menos, começar a observar o seu próprio cuidado como algo importante." (Alice)

"Eu tenho muitos pacientes que questionam a própria existência, a própria história, a própria vivência, as relações. Eu tenho pacientes onde a psicoterapia atua muito forte numa questão do autoconhecimento, então de olhar para a própria história, tenho pacientes que estão comigo há 6 anos, e eles chegam "eu pensei nisso, e já pensei nisso, nisso nisso" e eu brinco com eles "você já está fazendo meu trabalho já", se questionando sobre as coisas, o autoconhecimento e compreensão das ações." (Renata)

Esta última fala indica como o método acaba por abrir um olhar para si, talvez não intencionalmente, não de forma planejada pelo terapeuta, mas pelo fazer - ensinando pela troca a elaborar e conhecer a si mesmo. Nesse sentido reitera-se a fala do Julio de que o objetivo não é pré-definido, e ainda de que "a educação, o aprendizado, não pode ser uma intenção do terapeuta, mas acho que o aprendizado é uma consequência de muita coisa". Somando a isto, temos a noção de que "O caminho é a meta. No processo mesmo está a finalidade" (Robles, 2022, p.135).

4.3 Inevitabilidade do aprender

Pensando na aprendizagem como "consequência de muita coisa", como colocado por Julio, os entrevistados caminharam para uma multiplicidade de percepções, não explicitadas, que indicam um possível sentido de inevitabilidade do aprender. Ou seja, citam como consequência e objetivo dos processos estabelecidos em terapia o observar-se, o conhecer-se, a abertura para sentidos de suas experiências, os questionamentos de suas crenças, a empatia e, principalmente, a simplicidade de que basta estar no mundo para aprender.

O último entrevistado coloca claramente que a psicoterapia não é uma situação especial para que haja aprendizado, não é um objetivo do processo, mas que como encontro que é parte do mundo, acaba por gerar aprendizagens.

"Eu acho que, lógico, toda atividade humana, tudo que a gente está no mundo, tem uma certa dose de conhecimento, de aprendizado, o trabalho terapêutico para mim, eu entendo como uma abertura de olhar, e sabe ao olhar para alguma coisa, a

gente aprende muita coisa, mas eu vejo isso como uma consequência do trabalho, não como uma intenção do trabalho, não como um objetivo. (...) Eu não acho que com a terapia, você aprenda mais ou menos do que qualquer outra atividade que a gente faça" (Julio).

Mesmo na negativa da intenção de aprendizagem, o entrevistado coloca que a aprendizagem ocorre inevitavelmente e que há uma “abertura de olhar”. De alguma forma, é possível relacionar com a percepção das outras entrevistadas, Alice e Renata, de que um processo terapêutico traz uma tolerância maior aos outros e uma compreensão maior de si, que podem ser considerados resultados educativos.

Nesse sentido, reitera-se algo que é ontológico do ser e foi explorado em momentos introdutórios desta pesquisa. A inevitabilidade que é própria da condição de inacabamento do ser e que garante uma permanente situação de educabilidade (Freire, 1996), tanto pelo que é próprio da concepção fenomenológica do ser como por-vir, revelador de sentidos e de seus projetos de ser (Melo, 2022), quanto pelo método da psicoterapia que garante a temporalidade fenomenológica pautada no futuro, na exploração das experiências para que os sentidos revelem-se tanto quanto a compreensão da existência (Robles, 2022). Em suma, “Estar no mundo é aprender, a gente aprende e não tem jeito”. (Julio)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo de explorar possíveis efeitos educativos ou aprendizagens em psicoterapias fenomenológico-existenciais, foram encontradas diferentes perspectivas tanto a respeito do conceito de aprendizagem quanto do método e objetivo da psicoterapia pautada na fenomenologia-existencial.

Assim, compreendeu-se que a pesquisa retrata uma pequena parte do fenômeno observado, por este revelar uma complexidade grande. No processo, confirmou-se a hipótese abordada na introdução de falta de homogeneidade na compreensão do método por parte dos profissionais entrevistados, o que tornou possível agregar a essa discussão, apresentando a existência de variações nas estratégias e intervenções realizadas por profissionais da abordagem.

Por tratar-se de uma amostra pequena, com apenas 3 profissionais, a presente pesquisa acabou por discutir os caminhos das entrevistas abordando como, de forma geral, os entrevistados inicialmente trouxeram uma associação do conceito de aprendizagem à transmissão de conhecimento, diretiva, fechada e verticalizada. E, no decorrer de suas falas, entretanto, trouxeram compreensões do processo terapêutico como promotor de autoconhecimento, capacidade de observar-se, perceber-se, abrir-se para o mundo, ser mais empático - o que pode ser considerado educativo. Principalmente na fala do último entrevistado, mas considerando o todo, apareceu um sentido de inevitabilidade do aprender que, por um lado, enfatiza a presença de aprendizagens na psicoterapia, mas por outro, não privilegia o espaço para a ocorrência destas.

Considera-se que trocar com os entrevistados e discutir os dados articulando com os autores foi tanto o maior desafio quanto o que trouxe mais relevância e sentido para a pesquisa. Assim, a busca por aprendizagens em psicoterapia, trouxe uma vontade de continuar a investigação, ampliando o número de entrevistas e, quem sabe, adicionando o olhar dos pacientes para as consequências educativas de seus processos terapêuticos.

REFERÊNCIAS

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução nº 10/05, 2005.

CRITELLI, Dulce Mára. **Educação e dominação cultural** – tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez, 1981. 92p. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2090/1829>>. Acesso em: 28 out. 2023.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense; 1996. p. 11-39.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GOMES, W. B.; DE CASTRO, T. G. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 26, n. especial, p. 81-9, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/ntcwcrDRpNTm9rLbW47D8gF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 out. 2023.

HOELLER, K. **Thomas Szasz Versus o Movimento de Saúde Mental nos Estados Unidos** | Mad In Brasil. Disponível em: <<https://madinbrasil.org/2022/09/thomas-szasz-versus-o-movimento-de-saude-mental/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

ITURRA, R. **O processo educativo: ensino ou aprendizagem**. Disponível em: <<https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/Iturra.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LAJONQUIÈRE, L. DE. Sigmund Freud: para uma educação além da pedagogia. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 8, p. 1, 18 nov. 2008.

LESSA, J. M.; SÁ, R. N. DE. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Análise psicológica**, v. 24, n. 3, p. 393–397, 2012.

LEMES, C. B.; NETO, J. O. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 17–28, 2017.

LOURENÇO, S. S. ; MENDONÇA, V. M. de. A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis diálogos. **Filosofia E Educação**, 10(3), 530–547, 2019.

MAY, R. **Psicoterapia Existencial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

MELO, F. F. S. Contribuições da psicologia fenomenológica e existencial para o campo da educação. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G.A.O. **Psicologia Fenomenológica existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação**. Santana de Parnaíba: Manole, 2022. p. 138-170

MOREIRA, J.; ROSA, M. S. T. Jean-Paul Sartre e Paulo Freire: aproximações entre a liberdade existencialista e a educação libertadora. **Revista Contrapontos**, 14(3), 407- 424, 2014.

OLIVEIRA, P. C. DE; CARVALHO, P. DE. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 17, n. 37, p. 219–230, 2007.

ORENGO, F. V. ; HOLANDA, A. F. ; GOTO, T. A. Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/7c5s5FtScXbCXZGQ83pwRfq/?lang=pt&format=pdf>
 Acesso em: 28 out. 2023.

REZENDE, A. M. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo: Cortez, 1990. **Coleção Polêmicas do Nosso Tempo**, v.38, p. 46-66.

ROBLES, Y. A. M. A Clínica Existencial. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G.A.O. **Psicologia Fenomenológica existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação**. Santana de Parnaíba: Manole, 2022. p. 120-138

SZASZ, T. O tratamento psicanalítico como educação. In: SZASZ, T. **A ética da psicanálise**. 3^aed. São Paulo: Zahar, 1983. p. 49-63.

SZYMANSKI, L. ; SZYMANSKI, H. A pesquisa na perspectiva fenomenológica: uma proposta dialógica e colaborativa. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G.A.O. **Psicologia Fenomenológica existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação**. Santana de Parnaíba: Manole, 2022. p. 240-261

SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H. ; FACHIM, F. L. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pro-posições** (Campinas), 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/HN7Y9ZNVgG79kDBbJztB5Pf/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 25 Nov. de 2023

TEIXEIRA, M. E. B. **Apontamentos sobre a psicanálise e a educação**, 2009 (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “O que a gente aprende na psicoterapia? Uma análise de possíveis efeitos educativos em processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial”, sob a responsabilidade de Chiara Galloni Tedeschi sob a orientação da Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio.

JUSTIFICATIVA: A relevância dessa pesquisa se dá pela necessidade de investigação da clínica psicoterápica em abordagem fenomenológica existencial e a possibilidade de compreender os efeitos que um processo psicoterapêutico pode ter. Desse modo, a relação com a educação e a investigação das aprendizagens do paciente - através das experiências de profissionais clínicos na abordagem - é um meio para aprofundar os efeitos da psicoterapia enquanto principal ferramenta da área da psicologia.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Investigar os possíveis efeitos educativos, aprendizagens, de processos psicoterapêuticos em abordagem fenomenológica existencial.

PROCEDIMENTOS: Serão realizadas três entrevistas pouco estruturadas conceituadas como entrevista reflexiva, isto é, entrevistas que contemplam a confirmação do entrevistador daquilo que compreendeu do que foi dito pelo entrevistado (uma reflexão que visa garantir que a mensagem passada pelo entrevistado fique clara). Estas entrevistas serão feitas com profissionais clínicos na abordagem fenomenológica existencial que tenham (como critério de inclusão) no mínimo 5 anos de experiência na clínica de forma presencial em São Paulo. Depois disso, as entrevistas serão analisadas a partir do método fenomenológico hermenêutico, com a busca por unidades de sentido que garantam a organização do material coletado.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Serão realizados de forma remota (entrevista online) ou presencialmente a combinar com os entrevistados. Cada entrevista durará em média 1 hora cada.

RISCOS E DESCONFORTOS: Apesar de todas as pesquisas com seres humanos envolverem riscos, comprehende-se que neste caso - de discussão do método e efeitos educativos - eles sejam reduzidos. Nesse sentido, será garantido o anonimato dos participantes e possíveis pacientes que aparecerem nos relatos, além disso haverá a omissão ou alteração de dados que possam revelar a identidade. O objetivo não é comparar, criticar ou sugerir fazeres a partir dos profissionais entrevistados, mas buscar efeitos educativos em suas práticas.

BENEFÍCIOS: Para os entrevistados, o benefício principal se dá pela reflexão sobre a própria prática clínica, que acontecerá em ambiente seguro e mediado pela entrevistadora. Ainda, enquanto produção científica, a pesquisa contribui para a compreensão do método da fenomenologia-existencial e seus efeitos. Nesse sentido, esboça-se um diálogo com o lugar da clínica e seus benefícios intrínsecos enquanto processo de formação individual, possivelmente educacional e passível de extração do individual para a sociedade (a apresentação dos efeitos educativos que contribuem para um olhar transformador do âmbito social e individual). Os entrevistados, especialmente, contribuirão para a construção de um conhecimento que potencializa a psicoterapia e sistematiza seus efeitos para outros profissionais da mesma área.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Além do acompanhamento da entrevistadora e total liberdade para demonstrar insatisfação com qualquer pergunta ou momento da pesquisa, a orientadora da pesquisa, que é psicóloga, Solange Aparecida Emílio (CRP 06/44593), coloca-se à disposição para acolhimento a possíveis desconfortos que sejam decorrentes da participação na pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha

prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, você não será mais contatado(a) pelos pesquisadores.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: As pesquisadoras se comprometem a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após finalizada e publicada. As informações coletadas serão armazenadas e tratadas. Serão gravadas apenas para a transcrição e análise dos relatos e descartadas em no máximo 60 dias após a entrevista.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCIERO: Descrever possíveis ressarcimentos e explicar como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa em razão de sua participação.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, você poderá contatar a pesquisadora Chiara Galloni Tedeschi no telefone (11) 982142980 ou endereço rua Dr. Theophilo R. de Andrade, 25, apto. 3 ou a orientadora, Solange Aparecida Emílio, pelo telefone (11)998454573 ou e-mail saemilio@pucsp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: Das 11h00 às 13h00 de 2^a a 4^a feira e das 15h30 às 17h00 de 5^a e 6^a feira

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo.

Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, 2024.

Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “O que a gente aprende na psicoterapia? Uma análise de possíveis efeitos educativos em processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial”, eu, Chiara Galloni Tedeschi, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Pesquisadora

APÊNDICE II

PLANEJAMENTO ENTREVISTA REFLEXIVA

No apêndice III estão as transcrições com as perguntas formuladas no momento das 3 entrevistas.

Questão desencadeadora:

- Quais são os possíveis efeitos de aprendizagem observados e decorrentes dos processos psicoterapêuticos?

Questões de aprofundamento:

- O que define o método fenomenológico-existencial?
- Como podemos compreender que há aprendizagem na psicoterapia?
- Qual o principal objetivo da psicoterapia em abordagem fenomenológica existencial? Você considera que existem objetivos ou efeitos secundários desse processo?
- Quais situações descrevem estas vivências de aprendizagem?
- O que difere a aprendizagem escolar da aprendizagem em contexto psicoterapêutico?
- Você considera que há uma relevância social para o processo psicoterapêutico individual? Como?

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Momento introdutório:

Quem é você? Um pouco do seu percurso e seu trabalho na clínica.

Sim, eu já atuei na clínica e também no SUS e na assistência social. Já tive várias experiências, tanto convênio médico quanto outros casos.. Um mais diferente que o outro, já trabalhei em um serviço de acolhimento, como psicóloga técnica (um abrigo para crianças e adolescentes), atuei em consultório particular presencial e tive uma oportunidade de entrar no SUS e ofertar psicoterapia no SUS. Era uma proposta super diferente, um projeto novo, da prefeitura da região da Zona Sul de São Paulo. Sai em setembro do ano passado, mas lá ofertava psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violências. Era um projeto novo, da coordenadoria da Zona Sul, um projeto piloto. Hoje tem em outras regiões. Desde setembro, então eu atendia presencial, agora sai do Brasil e só atendimento online. Eu fiz uma especialização em saúde mental para equipe multiprofissional para conseguir atuar no SUS e ter essa experiência multi, e eu tive, trabalhava com terapeuta ocupacional e assistente social. Fiz também uma pós em sexualidade e outra pós em acessibilidade, diversidade e inclusão. Tenho também um projeto para atender emigrantes no exterior, uma parceria com outra psicóloga, para atendermos brasileiros no exterior. Hoje, devido a questão do online, só atendo adolescentes acima de 14 anos e adultos, com temáticas muito voltadas pra sexualidade, diversidade, violência.

Seus atendimentos sempre foram na abordagem fenomenológica?

Sim, eu cheguei, na faculdade, nos estágios, eu fiz o primeiro ano em psicanálise Winnicott, mas no quinto ano eu tive estágio em plantão psicológico na “feno”, e assim, me apaixonei e decidi seguir minha carreira em “feno”. Eu não tenho a especialização em “feno”, mas o meu olhar é fenomenologia.

E por onde você caminha em autores da fenomenologia?

Faço supervisão com a Fabíola Freire, que é professora da PUC-SP, então tenho estudado muito, acabo não estudando muito os autores diretamente da fenomenologia, mas gosto de muitos livros da Ana Feijó e estudar autores do NUCAFE (Núcleo de Fenomenologia), foco mais nisso, Sempre tive um olhar fenomenológico mas nunca estudei a teoria, tanto que é meu próximo desafio.

Em quais dos seus trabalhos teve diálogo e atravessamentos com o campo da educação?

Acho que foi quando eu trabalhei nas duas instituições, acho que enquanto psicoterapeuta no particular eu não atuei tanto com o olhar para a educação, mas no SUS com psicoterapia eu tinha um olhar para a educação, porque a gente tinha muito um trabalho com as famílias,

sobre dizer o que é violência, o modo como fala com o filho, mostrar como funciona o diálogo. Trabalhava muito a parte educativa com as crianças, porque a maioria dos nossos casos eram questões de violência sexual, trabalhávamos muito a prevenção, junto com as UBS, com o ambulatório AMAE, especializado. Atendíamos os casos das unidades básicas de saúde, eram casos onde não conseguiam atender e ofertávamos psicoterapia igual a um consultório particular. Fazíamos anamnese, ele ia regularmente semanalmente e falávamos de o que era violência, como lidar com a criança que já foi violentada, como trabalhar prevenção, cuidado, nós tínhamos matriciamento com as UBS e falávamos muito e auxiliávamos os NPV (Núcleos de prevenção à Violências). A gente não trabalhava diretamente com a prevenção, mas dava orientação para eles poderem pensar em estratégias de prevenção. Quando o caso chegava pra gente, a criança já tinha sido violentada, e a parte educativa era com a família específica, com a própria criança. Usávamos livros de como cuidar das partes íntimas.

Quando eu trabalhava no SAICA, que eu não ofertava psicoterapia, aí eu tinha um trabalho muito educativo com as crianças, adolescentes e educadores. Tinha essa parte, mas era num viés da assistência social.

Questão desencadeadora:

A psicoterapia enquanto método da psicologia tem efeitos educativos? Você observa na psicoterapia aprendizagens decorrentes do processo?

Aprendizagens em qual sentido?

No sentido da formação, do mais amplo possível.

De direcionamento?

Qual é o objetivo de uma psicoterapia fenomenológica, para começar?

Ah, é trabalhar aspectos emocionais, lidar com sentimentos, trabalhar autoconhecimento, trabalhar as relações.

Você consideraria isso aprendizagens? Ou para além disso, produzimos aprendizagens?

Então, não sei, quando eu penso em aprendizagem eu penso uma coisa muito - até converso muito com uma colega - quando penso aprendizagem penso em algo muito “igrejinha”, muito fechadinho. Muito: isso, isso, isso. Na psicoterapia, não trabalho com isso, trabalho fora, trabalho o que significa para aquela pessoa e o que ela considera como violência, como situação de abuso, situação certa ou não.

Se a gente pensar que aprendizagem é uma escolinha, uma igrejinha, onde você vai dar um direcionamento, vai ter uma perspectiva mais diretiva do sim e do não, eu considero que não.

Mas se eu pensar, na minha experiência no AMA, que tinha um cuidado de como a criança chegava, culpada pela violência que sofreu, a gente sabe que a culpa não é dela. Eu não

podia chegar enquanto psicóloga dizendo “você não é a culpada”, eu tinha que fazer um contorno para ela chegar e entender, já a terapeuta ocupacional e a assistente social já conseguia falar diretamente. Eu, enquanto psicóloga, tenho que fazer um contorno, esperar o tempo da pessoa. Até falo em supervisão, tenho uma paciente que está em um relacionamento tóxico mas não posso chegar para ela e falar: Oi, você está em um relacionamento tóxico. Então eu tenho que entender, tentar entender com ela, como é, o que é, o que ela gosta e não gosta, se fosse uma amiga dela, como ela veria a relação. Então eu tenho que dar uma volta para questionar esse paciente e de repente chegar.

Então, quando eu penso em aprendizagem eu penso em uma coisa muito diretiva e a psicoterapia não é aprendizagem nesse sentido. Ela pode ser aprendizagem quando pensamos em um autoconhecimento, quando você aprende a lidar com emoções, mas se for ligada muito a uma parte educativa, acho que não.

Confirmação do compreendido pela entrevistadora:

O que eu estou entendendo é que você está fazendo uma diferenciação entre dois tipos de aprendizagem. Talvez aprendizagem no sentido mais “tradicional” e “escolar”, que é diretivo, e aprendizagem em um sentido amplo e formativo, que aí pode ser autoconhecimento, lidar com as emoções. É isso?

Sim

E quando você vai dizendo de uma aprendizagem mais ampla, que contempla autoconhecimento, qual é esse efeito nos pacientes? O que você observa e consegue descrever?

Eu tenho por exemplo um paciente que era muito difícil para ele se expressar, que eu brincava com ele em sessão que ele não problematizava a vida, e a gente falou muito disso. Ele perguntava “mas eu preciso problematizar?”, e eu colocava não num sentido negativo mas em um sentido de questionamento. Hoje, ele questiona muito mais as ações. Antes, as coisas chegavam prontas pra ele e ele confiava. Agora ele consegue questionar se faz sentido, se é aquilo que ele quer para a vida dele, questionar se tá errado. Eu tenho muitos pacientes que questionam a própria existência, a própria história, a própria vivência, as relações. Eu tenho pacientes onde a psicoterapia atua muito forte numa questão do autoconhecimento, então de olhar para a própria história, tenho pacientes que estão comigo há 6 anos, e eles chegam “eu pensei nisso, e já pensei nisso, nisso nisso” e eu brinco com eles “você já está fazendo meu trabalho já”, se questionando sobre as coisas, o autoconhecimento e compreensão das ações. Acho que o paciente se fortalece no sentido de não levar as coisas para o pessoal digamos. Por exemplo “minha mãe falou desse jeito comigo” “ela fala assim com você ou com todas as pessoas?”, e coloco que é o modo da pessoa levar a vida e se comportar.

Confirmação do compreendido pela entrevistadora:

Eu entendi que você vai falando de um processo de aprender a construir e se conhecer, quando você fala “você está fazendo meu trabalho”, você está dizendo de uma capacidade de auto percepção - é isso?

Sim

O que difere a psicoterapia em um olhar fenomenológico de outras psicoterapias? Elas visam a mesma coisa?

O que me encantou na “Feno” é o olhar para o futuro, sempre tem um “não importa o que o mundo fez de mim, o que importa é o que eu vou fazer com o que o mundo fez de mim”. Então eu acho que algumas teorias, a psicanálise principalmente, fica muito no trauma, e eu acho que a Feno comprehende o trauma, acolhe, mas aborda o que eu vou fazer com essa informação e onde eu quero chegar. Acho que da psicanálise difere nesse sentido. Quando a gente pensa na comportamental, vai nos sentido de ter ansiedade e a intervenção ser uma técnica. Mas como a minha ansiedade, é diferente da sua ansiedade, que é diferente da ansiedade do falano. Na Feno, a pessoa é única, um ser único e que as coisas te afetam numa proporção que pode ser diferente das outras pessoas, que não vão ter o mesmo significado, acho que a Feno aprofunda isso. A Feno tem esse olhar tanto para o futuro quanto para buscar o sentido. Eu brinco muito “vamos filosofar”, gosto desse olhar de questionamento filosófico. Eu, por exemplo, fiz meu TCC em Winnicott falando da vida do Robbie Williams, fica muito focado no trauma, naquela tecla o tempo todo. Eu achava que fazia sentido, principalmente nos meus pacientes do AMA, porque fiquei muito tempo, na perspectiva da violência - mas eu tinha que trabalhar que a vida daquele paciente não era mais a violência, a maioria dos casos, quando chegavam para a gente, já tinham interrompido o ciclo de violência. Então, eu trabalha a dor e o sofrimento, porque alguns ficavam anos sofrendo aquela violência - então eu dava aquele acolhimento e compreensão - para pensar o “e agora?”, o que a gente faz com isso?”.

Você acha que a psicoterapia pode ter um papel social? Ela pode trazer efeitos na pessoa que contribuem para a sociedade?

Sim.... Você acaba sendo mais respeitoso com as outras pessoas, você acaba se tornando menos rabugento. Nunca tinha pensado nessa pergunta. Quando você tá bem, as pessoas que estão ao redor percebem e você consegue ajudar nisso. É como a máscara do avião, você coloca em você e depois no outro, acho que é isso, você tem que estar bem para ajudar o outro. Não consigo pensar em explicações mas acho que sim.

Você acha então que é preciso estar bem para ser bom com os outros?

Não é ser bom, mas é conseguir lidar com as diferenças, conseguir lidar com as emoções dos outros. Se eu estou conseguindo lidar com a minha emoção, eu penso que são duas faisquinhas, que se vierem e se juntarem vai ser uma faísca grande, se um vem e o outro não entra na dele, acho que gera um equilíbrio. A psicoterapia fala muito de um equilíbrio emocional, conseguir proporcionar isso para outras pessoas. Quando você fala em social eu penso muito na ajuda com o próximo.

E no sentido do coletivo? Sociedade para além da relação individual com o outro?

Acho que sim, porque acho que a pessoa se questiona, eu falava para aquele mesmo paciente do outro exemplo, você vai trazer uma polêmica para a gente conversar, e ele não conseguia trazer nada, era “saca rolha”, ficava puxando e não falava. Tava sempre tudo bem, tudo bom e belo e eu não sabia o que ele pensava politicamente, da mídia, e fazia esse tipo

de coisa para fazer ele falar, para saber a opinião dele sobre alguma coisa. Eu fazia ele pensar sobre algo que estava acontecendo na sociedade, que de repente para ele passava despercebido, porque ele estava só na rotina dele de cuidar da casa, da família e do trabalho. Eu fazia esses exercícios com ele para questionar o que estava acontecendo na sociedade, sobre a cultura que nós temos e como as pessoas se relacionam.

A psicoterapia como processo, então, tem um lugar que você foi dizendo do autoconhecimento, do lugar das emoções e algum tipo de sofrimento... A partir disso, você usa outros recursos para que o paciente elabore, foi isso que eu fui entendendo.

Para finalizar, gostaria de saber se, para além do cuidado, a psicoterapia pode ser um processo que forma alguém?

Sim, porque você questiona a pessoa de forma que ela vai pensar no que ela acredita, qual é o objetivo dela, o que ela quer e não quer para a vida, e então você vai formando ela. Quando eu penso no “filosofar” é muito aquele indivíduo, aquela pessoa, o que ele espera, não espera dele e dos outros. É uma formação no sentido de fortalecer a personalidade dele.

Uma formação no sentido amplo, né?

Acho que é um espaço de fala que externaliza as coisas, coloca pra fora, e na hora de falar, fortalece as ideias - e isso ajuda na formação, a formar pessoas.

ENTREVISTA 2

Momento **introdutório:**

Como é o seu trabalho na clínica? Quem você atende e como?

Meu público, para começar é adulto, tenho duas pacientes que são adolescentes mas que tem 17 anos, não muito novas... Não atendo criança e nem adolescentes mais novos que isso. Meu público é adulto e eu estou atendendo hoje em dia 90% online. Então eu atendo apenas 2 pacientes presencialmente. Não tenho mais consultório, já tive, mas depois da pandemia mudou o perfil e o formato. Então eu atendo uma média de 30 pacientes por semana, mas maioria online mesmo, todos particulares.

E dentro da abordagem fenomenológica, por onde você caminha? Autores e referências?

Olha, na verdade, eu tenho bastante referência na psicologia social originalmente, então, depois eu comecei a fazer pós-graduação em fenomenologia e basicamente eu fui para o Heidegger, para o Sartre, gosto muito do Sartre, basicamente isso, fui um pouco pro Boss também. Fiz também uma pós-graduação em psicopatologia fenomenológica, então eu tenho um pouco de influência dessa linha. Gosto muito da Feijó, dos livros dela, fiz uma formação com ela. E é mais ou menos isso.

No seu percurso você teve alguma aproximação com o campo da educação?

Não, nossa, tive aulas tão ruins de psicologia da educação na faculdade, e por conta fui trabalhar Paulo Freire - pensando na psicologia social comunitária. Mas nunca trabalhei em escola, psicologia escolar assim. Teve até uma época que eu atendia criança e ia para a escola, conversava com a coordenadora, muito porque tinha essa coisa de a escola encaminhar para o terapeuta. Pensava um pouco as relações da criança na escola, mas isso foi assim os 3 primeiros anos de formada, na época fiz um aprimoramento em psicologia infantil mas foi isso. Mas hoje em dia é mais no meu trabalho de psicóloga jurídica, o que eu tenho mais é analisar o trabalho dos outros.

Questão desencadeadora:

A grande questão que eu gostaria de fazer é: como e se a gente observa aprendizagens nas psicoterapias? Você veria isso como um efeito da psicoterapia?

Mas você diz como uma psicoterapia educativa? Em que a pessoa aprende com a psicoterapia? Olha, é interessante pensar nisso, porque... eu acho que tem sim alguns momentos uma psicoeducação, a gente trazer conteúdos para mostrar para os pacientes. Por exemplo, uma paciente que sofreu violências domésticas, normalmente eu trago algum conteúdo da lei Maria da Penha, como ela poderia fazer denúncias, ir na delegacia da mulher. De repente, indico para ela assistir uma série, algum filme.. Mas, eu percebo que isso não é algo que faz muita diferença não, pois eu fui percebendo que as pessoas não fazem, e que o papel da psicoterapia não é orientar as pessoas nesse sentido do que elas deveriam ou não fazer, então eu parei de fazer isso, o que eu faço é trabalhar com o que a pessoa tem e o que ela me traz.

Então, se a pessoa trouxer... essa é a fenomenologia, né?.. se a pessoa traz alguma série que ela assistiu, uma coisa que ela leu, a gente vai falar sobre aquilo, o que ela viu, o que ela achou. Mas agora eu vou trazer coisas para as pessoas, como se fosse uma "lição de casa" eu não faço mais isso, porque eu percebi nesse tempo que isso não é produtivo e eu fico com a sensação de que a pessoa fica me devendo essa lição de casa, entendeu? Tipo, a pessoa não vai fazer, até porque se a gente fala para pessoa o que ela deve fazer isso vai contra toda a ideia da fenomenologia. A pessoa por ela mesma, com as questões dela, ela vai em algum momento, procurar o que faz sentido pra ela. Então eu acho que respondendo sua pergunta, eu acho que conteúdo psicoeducativo não cabe na clínica, mas isso depois de muito tempo refletindo. A questão é: quem sou eu para falar à pessoa o que ela deve ou não ler ou assistir? Baseado na minha experiência, que para mim aquele conteúdo faz sentido, então eu acho que - não é que não se deve fazer - mas para mim, na minha observação, não tem resultados interessantes e impactantes para a pessoa.

Confirmando o compreendido: Eu entendi que você tá dizendo que do lugar da intervenção psicoeducativa não cabe ou você não observa efeitos, não é? Mas e se você pensar em seguir seu objetivo, no método fenomenológico. Primeiro, qual é o objetivo na psicoterapia?

Para mim o objetivo da psicoterapia é a pessoa aprender a se amar, a pessoa aprender a se entender, a buscar a si mesma, a prestar mais atenção no que é importante para ela e aprender a gostar disso, aprender a se amar mais, de fato, se criticar menos, começar a observar o seu próprio cuidado como algo importante. Então se a pessoa atinge esse objetivo, ela atingiu o objetivo da psicoterapia. Porque a partir do momento que ela se ama mais, ela consegue dar limites para as pessoas ou para as situações que ela tem, ela consegue dar limites para ela e para os outros, se respeita e começa a entender as próprias escolhas, acho que esse é o objetivo da psicoterapia. Talvez a psicoterapia ensine a pessoa a se amar.

Entendi que essa ideia de se "amar" é gostar dela mesma, é isso?

É se criticar menos, em termos psicológicos, ter uma autoestima melhor, então ela começa a se estimar mais. Mas como ela aprende isso? Não com um "ah, você precisa se amar mais", é ela falando dela mesma, de alguma forma com perguntas, questionando certas crenças que pessoa tenha sobre ela mesma, o que ela acha que as pessoas falam, e o que ela vai viver no dia a dia, julgamentos e tudo mais, colocando em dúvida isso, a pessoa vai aprendendo por ela mesma - mas nessa troca - não tenho que dizer o que ela deve fazer, mas é nessa troca que ela vai aprendendo a gostar de se observar e lidar mais com as crenças que são dela e nisso ela vai aprendendo, "não preciso mais que essa pessoa fale isso para mim", "eu consegui falar para tal pessoa que isso me machuca", parece que esse processo vai acontecendo conforme ela vai fazendo essas reflexões, a partir dessas dúvidas que se colocam naquilo que a pessoa tem muito arraigadas, algo da vida dela.

Como se ela aprendesse a se conhecer? A se observar ao elaborar?

Isso, mas esse se conhecer, também parte do princípio de que ela começa a se criticar menos, mesmo que não goste de quem ela é, muitas vezes ela não gosta porque ela ouviu de terceiros ao longo da vida que ela não é uma pessoa boa, de que ela não é suficiente, e aí essa pessoa começa a questionar essas falas de terceiros ou o mundo. Mas não é que eu vou me amar porque eu sou uma pessoa boa, posso ser uma pessoa boa e ruim que tem suas facetas e tem seus momentos, mas todos esses momentos fazem parte de quem eu sou e eu preciso respeitá-los, então acho que é nesse lugar que a pessoa vai se amando mais.

Então você acha que existe uma diferença clara entre uma aprendizagem "escolar", ali quando você pensa na intervenção psicoeducativa, uma aprendizagem que propõe atividades na psicoterapia e isso seria diferente de um processo de aprendizagem que acontece pela própria elaboração em psicoterapia, pela autoanálise? Se eu perguntasse para um paciente seu, saindo de um processo que acabou, você acha que eles respondem que aprenderam alguma coisa?

Acho que até já tive alguns feedbacks, a pessoa vir "nossa, eu não conseguia ter visto isso se a gente não tivesse conversado". Vou dar um exemplo: eu tinha um paciente que estava

contando uma situação lá no casamento dele e ele contou de uma coisa que tinha lá na casa dele que era a ex que tinha colocado. Aí eu falei nossa isso parece tal coisa, e ele concordou, na semana passada ele trouxe que se eu não tivesse falado aquilo, ele nunca teria reparado, mas fez tanto sentido quando eu disse... Acho que eu estou falando nesse sentido, as pessoas trazem que de certa forma graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?

Você considera que após esses processos psicoterapêuticos há uma possibilidade de a pessoa que sai do processo - muda ou participa da sociedade de um jeito diferente? Você acha que a psicoterapia tem relevância social, para a sociedade?

Acho! Mas é interessante pensar que a pessoa que vem para a psicoterapia, a pessoa que fala assim "nossa, acho que preciso de uma psicoterapia preciso rever, ver o que está acontecendo comigo", essa pessoa já tem uma crítica ou algo que ela percebe que não está certo. A pessoa que não tem ainda essa noção ela não vai para a psicoterapia. Então pode ser que não seja tão impactante, mas de certa forma eu acredito que esse pequeno núcleo que essa pessoa se relaciona, vai ter diferença, vai ter diferença nas relações dela, algumas coisas nas relações familiares, nos amigos - algum impacto vai ter. Talvez em grande escala, se todo mundo fizesse terapia, talvez a gente não tivesse, porque é um produto do nosso tempo que as pessoas não conseguem conversar, não tem comunidade mais, e por isso precisam desse espaço, então, não é que vai ajudar a sociedade a mudar, mas é um produto de como a gente vive. Talvez sem isso, ficaria... as pessoas iriam fazer o que? Iriam para onde? Correr para onde? Então não sei se tem um impacto grande porque é um produto do que já está aí, sabe?

Mas como um dispositivo de intervenção da psicologia, como a psicoterapia é a grande ferramenta dos psicólogos historicamente, talvez por um produto da demanda que você está dizendo dos tempos atuais, mas também por um investimento muito grande no individual, né? Como esse individual que sai do processo psicoterapêutico contribui para o coletivo pensando na aprendizagem... No sentido de, como o meu processo de psicoterapia pode reverberar no coletivo?

Talvez pensando que a pessoa que passa por psicoterapia consegue se amar mais, acho que por isso, talvez ela consiga ter mais empatia com o outro. Começa a ter mais paciência talvez, de tentar entender e me colocar no lugar do outro, porque essa pessoa talvez passe por uma situação que eu já passei. Pense mais a partir desse movimento de estar refletindo sobre as questões da vida, talvez a pessoa passe refletir também como outras pessoas. Então sim, tem um impacto desse, porque ela vai se colocar de forma reflexiva maior do que antes nas relações de antes. Eu tenho um exemplo de um caso de um rapaz que não conseguia conversar com as pessoas no trabalho, com outros adultos, porque ele se sentia uma pessoa que tinha uma dificuldade muito grande de falar, de colocar as opiniões dele, sempre achava que as opiniões dele eram inferiores. Então ele ficava tentando calcular qual seria o jeito certo de falar numa roda de conversa mas aí quando ele ficava tentando calcular ele perdia o timing e aí escalava, ele achava que as pessoas o achavam o extraterrestre do grupo - como se o pessoal tivesse muitas experiências e ele não, nessa comparação ele se achava nada, que não era possível. Ele resolveu que queria fazer terapia e ele não conseguia contar das coisas, porque ele achava que as coisas que ele vivia eram muito sem graças, irrelevantes, então ele achava que ia me entediar falando das coisas dele. Ele não trazia

nada, eu tinha que ficar puxando assuntos, e ele trouxe que ele gostava muito de ler, muitos livros - então a gente começou a falar muito desses livros que ele lia, e ele foi aprendendo a narrar histórias que pareciam muito interessantes, e eu fui apontando também qual é o parâmetro do que é pior e o que é melhor, enfim. E hoje em dia, ele tá entendendo que não é tão inferior assim, e que ele não é tão sem graça. Tá até namorando. Não está mais se sentindo um ET nas conversas, mas que na verdade ele que não tem muito a ver com aquele pessoal - não é que aquele pessoal é melhor do que ele, ele acha que a conversa dele tá legal, e está mais tranquilo de não participar porque ele não gosta mesmo. Nesse sentido de pensar nessa ideia de que o cara - não tô dizendo que ele mudou - mas parece que a partir do momento que ele muda a postura em relação ao outro, tem um movimento de mudança do contexto que ele vive. Não sei se isso é um grande impacto, mas a partir desse momento ele consegue conversar com as pessoas, ele consegue se sentir mais tranquilo nas situações, ele consegue se ver uma pessoa menos ruim e menos chata, ele já consegue sonhar com coisas que ele tem vontade de fazer que antes ele achava que não eram relevantes, ele se achava atrasado na fila do social. Não sei se eu respondi sua pergunta mas eu tô lembrando desse caso, mas acho que tem essa questão do impacto da psicoterapia, talvez até no sentido educativo, porque a minha ideia com esse paciente - com toda essa dificuldade - era justamente dar uma força da no narrar coisas, dele aprender a narrar situações, falar, porque ele tinha medo de falar antes, e a ideia de não ter certo e errado.

Muito interessante o exemplo. É interessante que na minha cabeça eu ouço como ele aprendeu a se comunicar, a falar. E é interessante pensar que não é o objetivo da psicoterapia, mas que acaba gerando um resultado nesse sentido. O que eu entendo um pouco nesse seu exemplo, é que quando você fala dele mais tranquilo, é como se ele estivesse mais livre, nesse caminho para a liberdade. Numa angústia inicial ele passou para construir novas coisas. É por aí?

A questão seja o fato de que ele vai aprendendo a gostar mais das escolhas que fez e faz, ou a assumir as escolher que ele fez na vida. Assumir as escolhas talvez seja a ideia da liberdade, passou a se aceitar mais dentro das escolhas, dentro das restrições. A ideia que eu pensei desse caso mesmo foi a da narrativa, esse exercício de aprender - aprender não, porque esse cara sabia falar, mas ele não via qualidade no que falava. A partir do momento que ele foi narrando as histórias que ele conhecia e eu fui demonstrando interesse no que ele trazia, e apontando que não tem essa hierarquia do que é bom e o que é ruim, o que é legal e o que não é legal, ele foi percebendo, se percebendo sabendo narrar. Ele sabia, não é que ele aprendeu, né?

Quase uma autopercepção de uma habilidade que não foi conquistada mas foi percebida ou reforçada?

É isso, não é que você vai ensinar a pessoa a narrar, ele já sabia, só não tinha a confiança para a narração - e a noção que a narrativa dele era legal. Então, por isso eu resumo em a pessoa se amar mais.

O se amar é se perceber né?

Sim, se perceber, se dar importância, ver qualidade. Não ficar esperando o outro para te dar algum valor. Hoje em dia tenho um pouco de dificuldade de colocar a teoria nos vários casos, acho que é dinâmico.

Faz sentido se distanciar da teoria quando tem tantos casos por semana, né?

Sim, acho que até na supervisão vai para algo das coisas acontecendo conforme elas vão acontecendo - como a gente vai sentindo, a relação do paciente com a nossa percepção, como a pessoa se coloca na vida, o que ela sonha.

ENTREVISTA 3

Momento introdutório

Bom, então, para começar, eu queria saber um pouco de você, assim, do seu percurso, quem você atende, como é a sua clínica, o seu público, bem amplamente, assim, como momento introdutório.

Então, para começar, eu sou psicólogo, né, e formei em 2000 e... 2011, né, me formei em 2011, e antes mesmo de me formar, eu fiz um curso de acompanhamento terapêutico, né, na época esse curso era de uma, de um lugar que chamava Humanitas, né, e E antes de terminar a faculdade, eu já estava terminando o curso, eles me chamaram para trabalhar com eles, como acompanhante terapêutico. Então, já no quinto ano, eu já atendia pacientes particulares como AT. Eu fui fazer esse curso por interesse pela fenomenologia mesmo, né? Porque eu tinha ali um... tava meio que balançado entre a fenomenologia existencial, entre a Daseinanalise e a psicanálise, né? Eu entrei na faculdade, eu gostava bastante de psicanálise, eu gostava bastante de... Na verdade, eu conheci o Freud, né? Na faculdade, você começa a conhecer os outros autores e entra em contato com uma fenomenologia ali, que era uma coisa que eu nem sabia que existia. Então, na faculdade, fui me interessando, fui fazer o curso ali, porque a fenomenologia é difícil, ela é complicada, é difícil de você pegar e a PUC, não sei se ainda é assim, mas tem fenomenologia logo no primeiro semestre. Eu tinha tido uma formação muito básica de filosofia no colégio. Então, eu fui fazer e isso foi se aprofundando. Eu fui me aprofundando dentro da Fenomenologia, me formei e, até hoje, eu... Eu atendo, dentro da fenomenologia, né? E o A.T. que é a minha prática mais, vamos dizer assim, dentro do que eu faço hoje, o A.T. ele ocupa mais da metade do meu tempo, né? Muito mais do que o consultório, né? No A.T., não sei se você conhece, né? O que é o acompanhamento terapêutico, a gente acaba tendo casos mais graves. Até acho que por conta da... dessa minha pegada dentro da fenomenologia, eu não faço muito uma distinção de público. Por exemplo, eu não atendo crianças, eu atendo bastante adolescentes e adultos, idosos, mas eu não atendo crianças, mas por uma questão de falta de traquejo meu mesmo. Mas eu não faço distinção de um diagnóstico, de uma determinada questão. Procuro sempre estar o mais aberto possível pelas diferentes formas de existir humano, né? Eu também não tenho essa preocupação de qual o diagnóstico. Lógico que eu tenho que saber disso, né? Eu tenho que ter clareza disso, até porque, né, por exemplo, principalmente no AT, no consultório, menos, né? Mas... Tenho muito esse parâmetro do trabalho em rede. Então, isso me traz essa necessidade de eu ter que conversar com os médicos, geralmente os psiquiatras, geralmente ao conversar com os psiquiatras, até acho um erro da formação

médica, né? Se você não fala em diagnósticos, você não fala da pessoa, né? Então você precisa ter algum domínio disso né? Embora na minha prática - uma coisa é eu saber sobre as medicações, sobre os diagnósticos - mas na minha prática, ali, no momento que eu estou com um paciente isso fica fora, né? Então isso é uma coisa da fenomenologia mas que também tem a ver com o meu jeito de trabalhar, eu não sei trabalhar se não for assim, né?

Pensando um pouco nas suas referências dentro da fenomenologia, em autores, para me situar, quais são as suas referências? Por onde você caminha na fenomenologia?

Minha base mesmo é Heidegger e o Boss, nesse sentido eu tenho uma leitura bastante fundamental da fenomenologia, da Daseinanalise, embora eu muitas vezes eu acabo usando leituras de outros autores que não são nem tanto da fenomenologia, recentemente eu comecei a ler o Byung-Chul Han, que é um filósofo contemporâneo, que eu achei que tem coisas que dá para trazer. Mas a base mesmo Heidegger e o Boss - e é o primeiro Heidegger, tem um livro que chama "a caminho da linguagem", eu vou até ali, além disso eu confesso que não consegui ir e não fui. Entendi que para frente é outra coisa. Mas eu tenho uma leitura muito... Tenho um apreço pela psicanálise, o Winnicott é um autor que acho interessante, mas não uso como método de trabalho. Por exemplo, no nosso grupo de AT, que eu faço parte, cada um tem uma abordagem diferente - tenho colegas da psicanálise, uma colega Junguiana, então a gente tem essa pegada de dialogar, o que faz com que a gente se interesse queira saber de outras abordagens.

Com certeza! Pensando também no seu percurso, você vê ou teve aproximações com o campo da educação? Falo isso no sentido muito amplo, educação no sentido para além de escola.

Olha, a minha experiência com educação, eu confesso que não sou muito... não muito interessado, mas eu tive algumas experiências tanto com adolescentes pacientes que eu tratava com a parte da educação como rede, como forma de fortalecer.. Já fiz AT na escola, e eu particularmente acho que, principalmente para adolescentes, eu acho que de dentro da instituição para fora é mais interessante, fora isso eu não tenho muito contato com a educação. Na faculdade, assim, eu não quis ir para escola - eu fui para o EJA que tinha ali na PUC mesmo - que são adultos, pessoas que tem uma história muito interessante, histórias muito ricas, então eu fui para esse lado. Então, minha experiência com educação é essa, do estágio da faculdade - que é sempre bem pequena - por exemplo, na época que eu tava no mestrado eu participei de uma pesquisa que era feita nas escolas, não era na área da educação, mas era uma pesquisa sobre valores na adolescência, de uma base Rogeriana, não era para a educação mas é o tipo de pesquisa que na minha opinião, a educação deveria, se alimentar daquilo, olhar. Eu tenho uma certa distância da educação, embora eu vejo que tenha problemas - até quando a gente vai criar redes - as escolas são sempre instituições difíceis no discurso e no ideal, não é muito alinhado com o que vai acontecendo ali, então eu tenho uma certa distância da educação. Minha aproximação sempre foi com a saúde mental mesmo.

Questão desencadeadora:

Como e se a gente observa aprendizagens na psicoterapia? A ideia é que você parte da sua concepção de aprendizagem para pensar como e se a gente observa em psicoterapias individuais

Bom, eu não sei se eu vou te frustrar, mas na minha experiência o trabalho clínico, quando a gente está falando de psicoterapia a gente está falando do trabalho clínico, ele não é, não tem como e não deve ser voltado para a educação. Eu acho que, lógico, toda atividade humana, tudo que a gente está no mundo, tem uma certa dose de conhecimento, de aprendizado, o trabalho terapêutico para mim, eu entendo como uma abertura de olhar, e sabe ao olhar para alguma coisa, a gente aprende muita coisa, mas eu vejo isso como uma consequência do trabalho, não como uma intenção do trabalho, não como um objetivo. Até porque eu não parto do princípio que eu tenho que ter um objetivo para acompanhar alguém ou para cuidar de alguém. O objetivo é a pessoa que vai mostrar objetivo, eu não vou apontar um objetivo, até porque o que pode ser um objetivo para mim, pode não ser para ele, mas agora, a educação, o aprendizado, não pode ser uma intenção do terapeuta, mas acho que o aprendizado é uma consequência de muita coisa, assim como é uma consequência de, por exemplo, quando a gente vai no cinema ver um filme a gente aprende, quando a gente vai fazer um passeio na cidade, a gente aprende, e quando a gente tá na terapia, o olhar se abre, você vai articulando a coisa, e você aprende também. Eu não acho que com a terapia, você aprenda mais ou menos do que qualquer outra atividade que a gente faça.

Eu entendi o que você disse muito dessa aprendizagem como estar no mundo só, só no sentido de qualquer espaço, em qualquer atividade eu aprendo porque eu conheço o mundo, assim como a psicoterapia, ela não é uma atividade diferente. É isso?

A gente vai aprender como consequência natural, é lógico, um idoso vai aprender num tempo, o adolescente em um outro, uma criança, muito mais. Então, o que tá mais vazio aprende mais, o que tá mais cheio de experiências assim, às vezes tem um pouco menos de espaço, isso vai acontecer em qualquer.. Estar no mundo é aprender, a gente aprende e não tem jeito.

Mas pensando que a psicoterapia pode favorecer a sua abertura para o mundo, mesmo assim ela não favorece a aprendizagem?

Olha, nunca tinha pensado nisso, porque o que me pegou mais foi a questão da intenção, a intencionalidade da aprendizagem no terapeuta. Mas ouvindo você formular assim, talvez sim, você dá uma abertura bem grande, então nesse sentido sim, mas também não é um privilégio da terapia, acho que tem muitas coisas na nossa vida que tem uma abertura, tão grande ou até maior que a terapia, eu acho que a terapia não tem o privilégio de qualquer coisa.

Pensando na psicoterapia enquanto método, você acha que a psicoterapia, você consegue pensar em como ela teria uma relevância para a sociedade? Pensando que para o indivíduo é mais claro que ele tem alguma questão individual a pensar, tratar, cuidar, mas pensando em um retorno para a sociedade, você vê a psicoterapia como uma ferramenta valiosa?

Olha, é, eu não sei se acredito tanto que um indivíduo melhor faz uma sociedade melhor, eu não sei se isso é uma verdade, não sei mesmo. Então, acho que se todo mundo fizesse

psicoterapia a gente teria uma sociedade melhor? Não sei. Eu acho que não. Talvez a gente tivesse pessoas mais seguras de si para serem quem elas são, mas as pessoas nem sempre são boas pessoas, e a terapia nada mais faz do que permitir que as pessoas sejam quem elas são, então a terapia não melhora ninguém, ela não faz isso. Eu como terapeuta não tenho essa pretensão e nem intenção. Mas agora o AT, este sim, acho que tem uma consequência social muito mais forte, porque no AT a gente está lidando com pessoas que têm uma existência restrita ao ponto de não estar na sociedade, alheio, então a gente vai com eles para a sociedade, nesse sentido eles estão participando. É diferente de alguém, que pode ter questões importantes, mas que vai até o consultório, vai até o seu trabalho, tem sua família, circula ali. Isso não torna uma sociedade melhor, e nem acho que a gente tem que ter essa pretensão. Acho que a sociedade tem que fazer ações sociais, tem que trabalhar questões políticas que não a psicoterapia.

Você tem alguma situação para descrever, algum exemplo prático, de casos dessa não-aprendizagem ou da aprendizagem nessa consequência inevitável que você citou em algum momento?

Acho que tem coisas que às vezes a gente enxerga que a gente vê, nossa, poxa, se ele aprendesse a fazer as coisas de um jeito de diferente, talvez ele conseguiria fazer as coisas de um jeito melhor - a neurose é isso, repetição, repetição de erros, comportamentos, valores, a repetição não traz esse aprendizado, nem é a repetição, mas é ficar preso naquela pedra de salvação, que a gente vê muito isso, no consultório a gente vê muito isso da pessoa ficar presa nessa pedra de salvação. "Ah, eu reclamo muito dos meus pais" "mas porque você não sai de casa" "ah, porque daí eu vou ter que lavar-louça". Tô pegando um exemplo meio bobo, mas isso é uma coisa que a gente vê muito, principalmente em psicoterapia. As pessoas tendo dificuldade de abrir mão, de um conforto, daquilo que é muito conhecido assim, muito familiar, para ir para algo diferente, novo. Às vezes tem gente que tem esse discurso, ter novas experiências, mas não quer abrir mão de alguma coisa. Aprender a se desenvolver, essa palavra é interessante, tem a ver com largar o envolvimento com alguma coisa, precisa deixar algo ali, para seguir esse caminho.

APÊNDICE IV
TABELAS DA ANÁLISE

Tabela 1 - Análise espontânea das entrevistas

(continua)

ENTREVISTA DA QUAL FOI RETIRADA	FALA	PERGUNTAS PARA O TEXTO
ENTREVISTA 1	<p>"enquanto psicoterapeuta no particular eu não atuei tanto com o olhar para a educação, mas no SUS com psicoterapia eu tinha um olhar para a educação"</p>	Se o método é o mesmo, porque se apresenta no SUS mas no particular não? É um atravessamento de classe?
ENTREVISTA 1	<p>"(...) quando penso aprendizagem penso em algo muito "igrejinha", muito fechadinho. Muito: isso, isso, isso. Na psicoterapia, não trabalho com isso, trabalho fora, trabalho o que significa para aquela pessoa e o que ela considera como violência, como situação de abuso, situação certa ou não.</p> <p>Se a gente pensar que aprendizagem é uma escolinha, uma igrejinha, onde você vai dar um direcionamento, vai ter uma perspectiva mais diretiva do sim e do não, eu considero que não."</p>	Qual é a concepção de educação e sentido de aprendizagem que aparecem aqui? Talvez mais próxima da diretiva e bancária
ENTREVISTA 1	<p>"Eu não podia chegar enquanto psicóloga dizendo "você não é a culpada", eu tinha que fazer um contorno para ela chegar e entender, já a terapeuta ocupacional e a assistente social já conseguia falar diretamente. Eu, enquanto psicóloga, tenho que fazer um contorno, esperar o tempo da pessoa."</p>	Qual é o sentido de "contorno"? Porque e para que?
ENTREVISTA 1	<p>"Então, quando eu penso em aprendizagem eu penso em uma coisa muito diretiva e a psicoterapia não é aprendizagem nesse sentido. Ela pode ser aprendizagem quando pensamos em um autoconhecimento, quando você aprende a lidar com emoções, mas se for ligada muito a uma parte educativa, acho que não."</p>	O que é educativo? O que não é?

ENTREVISTA 1	<p>"Eu tenho muitos pacientes que questionam a própria existência, a própria história, a própria vivência, as relações. Eu tenho pacientes onde a psicoterapia atua muito forte numa questão do autoconhecimento, então de olhar para a própria história, tenho pacientes que estão comigo há 6 anos, e eles chegam "eu pensei nisso, e já pensei nisso, nisso nisso" e eu brinco com eles "você já está fazendo meu trabalho já", se questionando sobre as coisas, o autoconhecimento e compreensão das ações."</p>	<p>Podemos considerar um sentido de aprender a se conhecer, elaborar, compreender a si mesmo?</p>
ENTREVISTA 1	<p>"O que me encantou na fenomenologia é o olhar para o futuro, (...) "não importa o que o mundo fez de mim, o que importa é o que eu vou fazer com o que o mundo fez de mim".</p>	<p>O sentido apresentado é do método como não determinista e causal, que tem olhar para o futuro? e Vir-a-ser?</p>
ENTREVISTA 1	<p>"então eu dava aquele acolhimento e compreensão - para pensar o "e agora?", o que a gente faz com isso?".</p>	<p>Retoma-se a temporalidade da fenomenologia?</p>
ENTREVISTA 1	<p>"Não é ser bom, mas é conseguir lidar com as diferenças, conseguir lidar com as emoções dos outros."</p>	<p>Hipótese de tolerância a diversidade?</p>
ENTREVISTA 1	<p>"Eu fazia esses exercícios com ele de questionar o que estava acontecendo na sociedade, sobre a cultura que nós temos e como as pessoas se relacionam."</p>	<p>Trata-se de uma tentativa de propor reflexão ou uma sugestão mais diretiva? Discussão de método.</p>
ENTREVISTA 1	<p>"Ela vai pensar no que ela acredita, qual é o objetivo dela, o que ela quer e não quer para a vida, e então você vai formando ela. (...) É uma formação no sentido de fortalecer a personalidade dele."</p>	<p>Psicoterapia como formação?</p>
ENTREVISTA 2	<p>eu acho que tem sim alguns momentos uma psicoeducação, a gente trazer conteúdos para mostrar para os pacientes. Por exemplo, uma paciente que sofreu violências domésticas, normalmente eu trago algum conteúdo de lei Maria da Penha, como ela poderia fazer denúncias, ir na delegacia da mulher.</p>	<p>Educação como transmissão de informação?</p>
ENTREVISTA 2	<p>Mas agora eu trazer coisas, para as pessoas, como se fosse uma "lição de casa" eu não faço mais isso, porque eu percebi nesse tempo que isso não é produtivo e eu fico com a sensação de</p>	<p>Lição de casa como dívida, como desfavorece a relação terapêutica?</p>

	que a pessoa fica me devendo essa lição de casa, entendeu?	
ENTREVISTA 2	eu acho que conteúdo psicoeducativo não cabe na clínica, mas isso depois de muito tempo refletindo.	O que é conteúdo psicoeducativo?
ENTREVISTA 2	quem sou eu para falar pessoa o que ela deve ou não ler ou assistir? Baseado na minha experiência, que para mim aquele conteúdo faz sentido,	Autoridade cabe na clínica?
ENTREVISTA 2	objetivo da psicoterapia é a pessoa aprender a se amar, a pessoa aprender a se entender, a buscar a si mesma, a prestar mais atenção no que é importante para ela e aprender a gostar disso, aprender a se amar mais, de fato, se criticar menos, começar a observar o seu próprio cuidado como algo importante.	O que é este se amar? Desvelar sentido?
ENTREVISTA 2	Mas como ela aprende isso? Não com um "ah, você precisa se amar mais", é ela falando dela mesma, de alguma forma com perguntas, questionando certas crenças que pessoa tenha sobre ela mesma, o que ela acha que as pessoas falam, e o que ela vai vendo no dia a dia, julgamentos e tudo mais, colocando em dúvida isso, a pessoa vai aprendendo por ela mesma - mas nessa troca - não tenho que dizer o que ela deve fazer, mas é nessa troca que ela vai aprendendo a gostar de se observar e lidar mais com as crenças que são dela e nisso ela vai aprendendo,	Método. A pessoa aprende por ela mas na troca?
ENTREVISTA 2	"nossa, eu não conseguiria ter visto isso se a gente não tivesse conversado". + graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?	Ver diferente por conta da relação terapêutica?
ENTREVISTA 2	Então não sei se tem um impacto grande porque é um produto do que já está aí, sabe?	A psicoterapia é consequência da sociedade e manutenção do status quo?
ENTREVISTA 2	talvez ela consiga ter mais empatia com o outro. Começa a ter mais paciência talvez, de tentar entender e me colocar no lugar do outro, porque essa pessoa talvez passe por uma situação que eu já passei.	Tolerância ao outro?

(continuação)

ENTREVISTA 2	questão do impacto da psicoterapia, talvez até no sentido educativo, porque a minha ideia com esse paciente - com toda essa dificuldade - era justamente dar uma força no narrar coisas, dele aprender a narrar situações, falar, porque ele tinha medo de falar antes, e a ideia de não ter certo e errado.	Impacto da psicoterapia em uma habilidade
ENTREVISTA 2	prendendo a gostar mais das escolhas que fez e faz, ou a assumir as escolher que ele fez na vida. Assumir as escolhas talvez seja a ideia da liberdade, passou a se aceitar mais dentro das escolhas, dentro das restrições.	Escolhas que levam à liberdade
ENTREVISTA 2	Foi a da narrativa, esse exercício de aprender - aprender não, porque esse cara sabia falar, mas ele não via qualidade no que falava. A partir do momento que ele foi narrando as histórias que ele conhecia e eu fui demonstrando interesse no que ele trazia, e apontando que não tem essa hierarquia do que é bom e o que é ruim, o que é legal e o que não é legal, ele foi percebendo, se percebendo sabendo narrar.	Se perceber sabedor. No exemplo, ele não aprende a narrar, mas se percebe potente para
ENTREVISTA 3	Eu não quis ir para escola - eu fui para o EJA que tinha ali na PUC mesmo - que são adultos, pessoas que tem uma história muito interessante, histórias muito ricas, então eu fui para esse lado	EJA como não escola, adulto como pessoas com histórias (oposição à crianças e adolescentes?)
ENTREVISTA 3	quando a gente está falando de psicoterapia a gente está falando do trabalho clínico, ele não é, não tem como e não deve ser voltado para a educação	sentido da psicoterapia como processo que não pode ter a educação como objetivo
ENTREVISTA 3	Eu acho que, lógico, toda atividade humana, tudo que a gente está no mundo, tem uma certa dose de conhecimento, de aprendizado, o trabalho terapêutico para mim, eu entendo como uma abertura de olhar, e sabe ao olhar para alguma coisa, a gente aprende muita coisa, mas eu vejo isso como uma consequência do trabalho, não como uma intenção do trabalho, não como um objetivo.	A aprendizagem é consequência inevitável de toda atividade humana?

ENTREVISTA 3	O objetivo é aquela pessoa que vai mostrar esse objetivo, eu não vou apontar um objetivo, até porque o que pode ser um objetivo para mim, pode não ser para ele, mas agora, a educação, o aprendizado, não pode ser uma intenção do terapeuta, mas acho que o aprendizado é uma consequência de muita coisa,	O não-Objetivo da psicoterapia?
ENTREVISTA 3	quando a gente vai no cinema ver um filme a gente aprende, quando a gente vai fazer um passeio na cidade, a gente aprende, e quando a gente tá na terapia, o olhar se abre, você vai articulando a coisa, e você aprende também. Eu não acho que com a terapia, você aprenda mais ou menos do que qualquer outra atividade que a gente faça.	Situações de aprendizagem e psicoterapia como mesma abertura que outros contextos?
ENTREVISTA 3	A gente vai aprender como consequência natural, é lógico, um idoso vai aprender num tempo, o adolescente em um outro, uma criança, muito mais. Então, o que tá mais vazio aprende mais, o que tá mais cheio de experiências assim, as vezes tem um pouco menos de espaço, isso vai acontecer em qualquer.. Estar no mundo é aprender, a gente aprende e não tem jeito.	Inevitabilidade do aprender?
ENTREVISTA 3	Repetição, repetição de erros, comportamentos, valores, a repetição não traz esse aprendizado, nem é a repetição, mas é ficar preso naquela pedra de salvação, que a gente vê muito isso, no consultório a gente vê muito isso da pessoa ficar presa nessa pedra de salvação.	Repetição como aprisionamento?
ENTREVISTA 3	Aprender a se desenvolver, essa palavra é interessante, tem a ver com largar o envolvimento com alguma coisa, precisa deixar algo ali, para seguir esse caminho.	Largar para seguir. Se desenvolver depende de deixar de se envolver?

Tabela 2 - Análise retomando objetivos da pesquisa

(continua)

ENTREVISTA DA QUAL FOI RETIRADA	FALA	OBJETIVO	RELAÇÃO ESTABELECIDA, PERGUNTAS E IDEIAS
ENTREVISTA 1	<p>"(...) quando penso aprendizagem penso em algo muito "igrejinha", muito fechadinho. Muito: isso, isso, isso. Na psicoterapia, não trabalho com isso, trabalho fora, trabalho o que significa para aquela pessoa e o que ela considera como violência, como situação de abuso, situação certa ou não.</p> <p>Se a gente pensar que aprendizagem é uma escolinha, uma igrejinha, onde você vai dar um direcionamento, vai ter uma perspectiva mais diretiva do sim e do não, eu considero que não."</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial</p>	<p>Para analisar e discutir aprendizagens é preciso partir de uma concepção de aprendizagem. Nesta fala, explicita-se uma abordagem da aprendizagem diretiva, com fluxo único e tradicional, que remete ao ensino. // articular com concepção de educação de Paulo Freire + definição de aprendizagem numa perspectiva ampla</p>
ENTREVISTA 1	<p>Até falo em supervisão, tenho uma paciente que está em um relacionamento tóxico mas não posso chegar para ela e falar: Oi, você está em um relacionamento tóxico. Então eu tenho que entender, tentar entender com ela, como é, o que é, o que ela gosta e não gosta, se fosse uma amiga dela, como ela veria a relação. Então eu tenho que dar uma volta para questionar esse paciente e de repente chegar.</p>	<p>2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial</p>	<p>Essa descrição do tentar entender, como é, o que é, o que ela não gosta e se fosse uma amiga como ela veria a relação, ou esse "dar uma volta", fala do método fenomenológico? direciona? facilita elaboração de sentido? // articular com texto sobre método fenomenológico</p>
ENTREVISTA 1	<p>"Então, quando eu penso em aprendizagem eu penso em uma coisa muito diretiva e a psicoterapia não é aprendizagem nesse sentido. Ela pode ser aprendizagem quando pensamos em um autoconhecimento, quando você aprende a lidar com emoções, mas se for ligada muito a uma parte educativa, acho que não."</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial</p>	<p>Nessa fala, retoma-se a concepção de aprendizagem e educação diretiva como ponto de partida. Para então questionar: o autoconhecimento é objetivo da educação?</p>

ENTREVIS TA 1	<p>"Eu tenho muitos pacientes que questionam a própria existência, a própria história, a própria vivência, as relações. Eu tenho pacientes onde a psicoterapia atua muito forte numa questão do autoconhecimento, então de olhar para a própria história, tenho pacientes que estão comigo há 6 anos, e eles chegam "eu pensei nisso, e já pensei nisso, nisso nisso" e eu brinco com eles "você já está fazendo meu trabalho já", se questionando sobre as coisas, o autoconhecimento e compreensão das ações."</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial</p>	<p>O próprio método é aprendido? Há uma meta-aprendizagem na psicoterapia? A elaboração é o caminho para o autoconhecimento?</p>
ENTREVIS TA 1	<p>"O que me encantou na fenomenologia é o olhar para o futuro, (...) "não importa o que o mundo fez de mim, o que importa é o que eu vou fazer com o que o mundo fez de mim".</p>	<p>2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial</p>	<p>A fala explicita um encantamento pessoal, mas um olhar para a fenomenologia como método não determinista e causal, olhar para o futuro. Vir-a-ser // Temporalidade na fenomenologia</p>
ENTREVIS TA 1	<p>Você acaba sendo mais respeitoso com as outras pessoas, você acaba se tornando menos rabugento. Nunca tinha pensado nessa pergunta. Quando você tá bem, as pessoas que estão ao redor percebem e você consegue ajudar nisso. É como a máscara do avião, você coloca em você e depois no outro, acho que é isso, você tem que estar bem para ajudar o outro. Não consigo pensar em explicações mas acho que sim.</p>	<p>3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social</p>	<p>A fala explicita um lugar de estar bem para contribuir com o outro. A concepção de social é pautada na ajuda ao próximo nessa dala. Pensada numa relação com o outro e não em uma sociedade organizada.</p>
ENTREVIS TA 1	<p>Não é ser bom, mas é conseguir lidar com as diferenças, conseguir lidar com as emoções dos outros.</p>	<p>3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social</p>	<p>O "lidar com as diferenças" abre espaço pra uma tolerância à diversidade, que seria uma transformação em relação aos dados da conjuntura atual, possivelmente.</p>

ENTREVIS TA 1	A psicoterapia fala muito de um equilíbrio emocional, conseguir proporcionar isso para outras pessoas.	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	O que é esse equilíbrio emocional?
ENTREVIS TA 1	"Eu fazia esses exercícios com ele de questionar o que estava acontecendo na sociedade, sobre a cultura que nós temos e como as pessoas se relacionam."	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial + 3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social	Exemplo de exercício de questionamento e reflexão, talvez seja possível articular com a concepção contextualizada e reflexiva que Paulo Freire propõe.
ENTREVIS TA 1	"Ela vai pensar no que ela acredita, qual é o objetivo dela, o que ela quer e não quer para a vida, e então você vai formando ela. (...) É uma formação no sentido de fortalecer a personalidade dele."	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial + 2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Fortalecer a personalidade? Ou encontrar sentidos para seu modo de ser? Aqui talvez caberia uma articulação com as escolhas para a liberdade.
ENTREVIS TA 2	eu acho que tem sim alguns momentos uma psicoeducação, a gente trazer conteúdos para mostrar para	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por	Trazer informações como a Lei Maria da Penha é papel do psicólogo em psicoterapia? Articular com compromisso ético-político? Ainda, cabe

	os pacientes. Por exemplo, uma paciente que sofreu violências domésticas, normalmente eu trago algum conteúdo de lei Maria da Penha, como ela poderia fazer denúncias, ir na delegacia da mulher.	profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	discutir a educação como transmissão de informação/ transmissão da cultura?
ENTREVIS TA 2	Mas agora eu trazer coisas, para as pessoas, como se fosse uma "lição de casa" eu não faço mais isso, porque eu percebi nesse tempo que isso não é produtivo e eu fico com a sensação de que a pessoa fica me devendo essa lição de casa, entendeu?	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Discussir método: Lição de casa como dívida, como desfavorece a relação terapêutica?
ENTREVIS TA 2	eu acho que conteúdo psicoeducativo não cabe na clínica, mas isso depois de muito tempo refletindo.	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	O que é conteúdo psicoeducativo?
ENTREVIS TA 2	quem sou eu para falar pessoa o que ela deve ou não ler ou assistir? Baseado na minha experiência, que para mim aquele conteúdo faz sentido,	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Autoridade cabe na clínica?
ENTREVIS TA 2	objetivo da psicoterapia é a pessoa aprender a se amar, a pessoa aprender a se entender, a buscar a si mesma, a prestar mais atenção no que é importante para ela e aprender a gostar disso, aprender a se amar mais, de fato, se criticar menos, começar a observar o seu próprio cuidado como algo importante.	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Nessa fala explicita-se uma concepção de objetivo da psicoterapia. É possível questionar: o que é este se amar? Desvelar sentido? cabe trazer alguma definição do objetivo para compor a discussão
ENTREVIS TA 2	Mas como ela aprende isso? Não com um "ah, você precisa se amar mais", é ela falando dela mesma, de alguma forma com perguntas, questionando certas crenças que pessoa tenha sobre ela mesma, o que ela acha que	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica	Aqui é possível discutir método a partir da ideia de que a pessoa aprende por ela mas na troca com o terapeuta.

	as pessoas falam, e o que ela vai vendo no dia a dia, julgamentos e tudo mais, colocando em dúvida isso, a pessoa vai aprendendo por ela mesma - mas nessa troca - não tenho que dizer o que ela deve fazer, mas é nessa troca que ela vai aprendendo a gostar de se observar e lidar mais com as crenças que são dela e nisso ela vai aprendendo,	existencial	
ENTREVIS TA 2	"nossa, eu não conseguia ter visto isso se a gente não tivesse conversado". + graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Esta fala se soma a última, propondo a possibilidade de: ver diferente por conta da relação terapêutica? é uma discussão de método e de aprendizagem
ENTREVIS TA 2	Eu tinha um paciente que estava contando uma situação lá no casamento dele e ele contou de uma coisa que tinha lá na casa dele que era a ex que tinha colocado. Aí eu falei nossa isso parece tal coisa, e ele concordou, na semana passada ele trouxe que se eu não tivesse falado aquilo, ele nunca teria reparado, mas fez tanto sentido quando eu disse... Acho que eu estou falando nesse sentido, as pessoas trazem que de certa forma graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Esta fala se soma a última, propondo a possibilidade de: ver diferente por conta da relação terapêutica? Aqui, há uma descrição que explicita esse movimento
ENTREVIS TA 2	a pessoa que vem para a psicoterapia (...) essa pessoa já tem uma crítica ou algo que ela percebe que não está certo. A pessoa que não tem ainda essa noção ela não vai para a psicoterapia. não pode ser que não seja tão impactante, mas de certa forma eu acredito que esse pequeno núcleo que essa pessoa	3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no	Essa fala remete a uma fala da entrevista 1, que traz o impacto nas relações próximas e nucleares

	se relaciona, vai ter diferença, vai ter diferença nas relações dela, algumas coisas nas relações familiares, nos amigos - algum impacto vai ter.	âmbito social	
ENTREVISTA 2	Então não sei se tem um impacto grande porque é um produto do que já está aí, sabe?	3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social	Psicoterapia como produto social e não como impactante na sociedade. Faz manutenção da sociedade, então? Não transforma?
ENTREVISTA 2	talvez ela consiga ter mais empatia com o outro. Começa a ter mais paciência talvez, de tentar entender e me colocar no lugar do outro, porque essa pessoa talvez passe por uma situação que eu já passei.	3. Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social	Assim como na entrevista 1, aparece a ideia de empatia, tolerância com o outro.
ENTREVISTA 2	questão do impacto da psicoterapia, talvez até no sentido educativo, porque a minha ideia com esse paciente - com toda essa dificuldade - era justamente dar uma força no narrar coisas, dele aprender a narrar situações, falar, porque ele tinha medo de falar antes, e a ideia de não ter certo e errado.	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Neste exemplo da entrevistada, aparece um impacto da psicoterapia em uma habilidade. Não como objetivo mas no sentido de perceber-se sabedor
ENTREVISTA 2	prendendo a gostar mais das escolhas que fez e faz, ou a assumir as escolher que ele fez na vida. Assumir as escolhas talvez seja a ideia da liberdade, passou a se aceitar mais dentro das escolhas, dentro das restrições.	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Aqui, temos as escolhas que levam à liberdade, uma possibilidade de articulação clara com a educação libertadora

ENTREVIS TA 2	<p>Foi a da narrativa, esse exercício de aprender - aprender não, porque esse cara sabia falar, mas ele não via qualidade no que falava. A partir do momento que ele foi narrando as histórias que ele conhecia e eu fui demonstrando interesse no que ele trazia, e apontando que não tem essa hierarquia do que é bom e o que é ruim, o que é legal e o que não é legal, ele foi percebendo, se percebendo sabendo narrar.</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial</p>	<p>Se perceber sabedor. No exemplo, ele não aprende a narrar, mas se percebe potente para</p>
ENTREVIS TA 3	<p>quando a gente está falando de psicoterapia a gente está falando do trabalho clínico, ele não é, não tem como e não deve ser voltado para a educação</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial + 2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial</p>	<p>A psicoterapia não pode ter a educação como objetivo. Explicita-se a diferença da psicoterapia e da educação.</p>
ENTREVIS TA 3	<p>Eu acho que, lógico, toda atividade humana, tudo que a gente está no mundo, tem uma certa dose de conhecimento, de aprendizado, o trabalho terapêutico para mim, eu entendo como uma abertura de olhar, e sabe ao olhar para alguma coisa, a gente aprende muita coisa, mas eu vejo isso como uma consequência do trabalho, não como uma intenção do trabalho, não como um objetivo.</p>	<p>1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial</p>	<p>Entretanto, coloca-se que a aprendizagem é consequência inevitável de toda atividade humana, incluindo a psicoterapia.</p>
ENTREVIS TA 3	<p>O objetivo é aquela pessoa que vai mostrar esse objetivo, eu não vou apontar um objetivo, até porque o que pode ser um objetivo para mim, pode não ser</p>	<p>2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos</p>	<p>Aqui é possível articular com o sentido próprio de cada sujeito no processo psicoterapêutico. é o indefinido a priori da psicoterapia</p>

	para ele, mas agora, a educação, o aprendizado, não pode ser uma intenção do terapeuta, mas acho que o aprendizado é uma consequência de muita coisa,	na abordagem fenomenológica existencial	
ENTREVIS TA 3	quando a gente vai no cinema ver um filme a gente aprende, quando a gente vai fazer um passeio na cidade, a gente aprende, e quando a gente tá na terapia, o olhar se abre, você vai articulando a coisa, e você aprende também. Eu não acho que com a terapia, você aprenda mais ou menos do que qualquer outra atividade que a gente faça.	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Situações de aprendizagem múltiplas e amplas - não específico da psicoterapia
ENTREVIS TA 3	A gente vai aprender como consequência natural, é lógico, um idoso vai aprender num tempo, o adolescente em um outro, uma criança, muito mais. Então, o que tá mais vazio aprende mais, o que tá mais cheio de experiências assim, as vezes tem um pouco menos de espaço, isso vai acontecer em qualquer.. Estar no mundo é aprender, a gente aprende e não tem jeito.	1. Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica existencial	Articula-se diretamente com a fala de Paulo Freire citada na introdução. Inevitabilidade do aprender
ENTREVIS TA 3	Repetição, repetição de erros, comportamentos, valores, a repetição não traz esse aprendizado, nem é a repetição, mas é ficar preso naquela pedra de salvação, que a gente vê muito isso, no consultório a gente vê muito isso da pessoa ficar presa nessa pedra de salvação.	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Repetição como aprisionamento?
ENTREVIS TA 3	Aprender a se desenvolver, essa palavra é interessante, tem a ver com largar o envolvimento com alguma coisa, precisa deixar algo ali, para seguir esse caminho.	2. Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica existencial	Largar para seguir. Se desenvolver depende de deixar de se envolver?

Tabela 3 - Análise em unidades de sentido e núcleos de sentido
(continua)

ENTREVISTA DA QUAL FOI RETIRADA	FALA	UNIDADE DE SENTIDO	NÚCLEOS DE SENTIDO
ENTREVISTA 1	<p>"(...) quando penso aprendizagem penso em algo muito "igrejinha", muito fechadinho. Muito: isso, isso, isso. Na psicoterapia, não trabalho com isso, trabalho fora, trabalho o que significa para aquela pessoa e o que ela considera como violência, como situação de abuso, situação certa ou não.</p> <p>Se a gente pensar que aprendizagem é uma escolinha, uma igrejinha, onde você vai dar um direcionamento, vai ter uma perspectiva mais diretiva do sim e do não, eu considero que não."</p>	Aprendizagem diretiva	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 1	<p>Até falo em supervisão, tenho uma paciente que está em um relacionamento tóxico mas não posso chegar para ela e falar: Oi, você está em um relacionamento tóxico. Então eu tenho que entender, tentar entender com ela, como é, o que é, o que ela gosta e não gosta, se fosse uma amiga dela, como ela veria a relação. Então eu tenho que dar uma volta para questionar esse paciente e de repente chegar.</p>	Método	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	<p>"Então, quando eu penso em aprendizagem eu penso em uma coisa muito diretiva e a psicoterapia não é aprendizagem nesse sentido. Ela pode ser aprendizagem quando pensamos em um autoconhecimento, quando você aprende a lidar com emoções, mas se for ligada muito a uma parte educativa, acho que não."</p>	Aprendizagem diretiva	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 1	<p>"Eu tenho muitos pacientes que questionam a própria existência, a própria história, a própria vivência, as relações. Eu tenho pacientes onde a psicoterapia atua muito forte numa questão do autoconhecimento, então de olhar para a própria história, tenho pacientes que estão comigo há 6 anos, e eles chegam "eu pensei nisso, e já pensei nisso, nisso nisso" e eu brinco com eles "você já está fazendo meu trabalho já", se questionando sobre as coisas, o autoconhecimento e compreensão das</p>	Aprendizagem como autoconhecimento	Sentidos da Aprendizagem

	ações."		
ENTREVISTA 1	"O que me encantou na fenomenologia é o olhar para o futuro, (...) "não importa o que o mundo fez de mim, o que importa é o que eu vou fazer com o que o mundo fez de mim".	Método / Temporalidade	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	Você acaba sendo mais respeitoso com as outras pessoas, você acaba se tornando menos rabugento. Nunca tinha pensado nessa pergunta. Quando você tá bem, as pessoas que estão ao redor percebem e você consegue ajudar nisso. É como a máscara do avião, você coloca em você e depois no outro, acho que é isso, você tem que estar bem para ajudar o outro. Não consigo pensar em explicações mas acho que sim.	Transformação do contexto / Estar bem para ajudar	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	Não é ser bom, mas é conseguir lidar com as diferenças, conseguir lidar com as emoções dos outros.	Transformação do contexto / Estar bem para ajudar	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	A psicoterapia fala muito de um equilíbrio emocional, conseguir proporcionar isso para outras pessoas.	Método / Objetivo do método	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	"Eu fazia esses exercícios com ele de questionar o que estava acontecendo na sociedade, sobre a cultura que nós temos e como as pessoas se relacionam."	Método / Objetivo do método	Método e objetivo
ENTREVISTA 1	"Ela vai pensar no que ela acredita, qual é o objetivo dela, o que ela quer e não quer para a vida, e então você vai formando ela. (...) É uma formação no sentido de fortalecer a personalidade dele."	Aprendizagem como formação / Objetivo do método	Sentidos da Aprendizagem e método
ENTREVISTA 2	eu acho que tem sim alguns momentos uma psicoeducação, a gente trazer conteúdos para mostrar para os pacientes. Por exemplo, uma paciente que sofreu violências domésticas, normalmente eu trago algum conteúdo de lei Maria da Penha, como ela poderia fazer denúncias, ir na delegacia da mulher.	Método / Aprendizagem como acesso à informação sobre direitos	Sentidos da Aprendizagem e método
ENTREVISTA 2	Mas agora eu trazer coisas, para as pessoas, como se fosse uma "lição de casa" eu não faço mais isso, porque eu percebi nesse tempo que isso não é produtivo e eu fico com	Método / Relação terapêutica	Método e objetivo

	a sensação de que a pessoa fica me devendo essa lição de casa, entendeu?		
ENTREVISTA 2	eu acho que conteúdo psicoeducativo não cabe na clínica, mas isso depois de muito tempo refletindo.	Método	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	quem sou eu para falar pessoa o que ela deve ou não ler ou assistir? Baseado na minha experiência, que para mim aquele conteúdo faz sentido,	Aprendizagem como ensino e direcionamento/ Sentido da proposição	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 2	objetivo da psicoterapia é a pessoa aprender a se amar, a pessoa aprender a se entender, a buscar a si mesma, a prestar mais atenção no que é importante para ela e aprender a gostar disso, aprender a se amar mais, de fato, se criticar menos, começar a observar o seu próprio cuidado como algo importante.	Objetivo / Buscar a si mesmo	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	Mas como ela aprende isso? Não com um "ah, você precisa se amar mais", é ela falando dela mesma, de alguma forma com perguntas, questionando certas crenças que pessoa tenha sobre ela mesma, o que ela acha que as pessoas falam, e o que ela vai vendo no dia a dia, julgamentos e tudo mais, colocando em dúvida isso, a pessoa vai aprendendo por ela mesma - mas nessa troca - não tenho que dizer o que ela deve fazer, mas é nessa troca que ela vai aprendendo a gostar de se observar e lidar mais com as crenças que são dela e nisso ela vai aprendendo,	Objetivo / Buscar a si mesmo	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	"nossa, eu não conseguia ter visto isso se a gente não tivesse conversado". + graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?	Método / Abertura pela troca	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	Eu tinha um paciente que estava contando uma situação lá no casamento dele e ele contou de uma coisa que tinha lá na casa dele que era a ex que tinha colocado. Aí eu falei nossa isso parece tal coisa, e ele concordou, na semana passada ele trouxe que se eu não tivesse falado aquilo, ele nunca teria reparado, mas fez tanto sentido quando eu disse... Acho que eu estou falando nesse sentido, as pessoas trazem que de certa forma graças a terapia elas conseguem enxergar coisas que quando elas passam a enxergar meio que várias coisas fazem mais sentido, sabe?	Método / Abertura e aprendizagem pela troca	Sentidos da Aprendizagem e Método

ENTREVISTA 2	a pessoa que vem para a psicoterapia (...) essa pessoa já tem uma crítica ou algo que ela percebe que não está certo. A pessoa que não tem ainda essa noção ela não vai para a psicoterapia. Então pode ser que não seja tão impactante, mas de certa forma eu acredito que esse pequeno núcleo que essa pessoa se relaciona, vai ter diferença, vai ter diferença nas relações dela, algumas coisas nas relações familiares, nos amigos - algum impacto vai ter.	Psicoterapia efeito no núcleo da pessoa	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	Então não sei se tem um impacto grande porque é um produto do que já está aí, sabe?	Relação dialógica com a sociedade/ Impacto social	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	talvez ela consiga ter mais empatia com o outro. Começa a ter mais paciência talvez, de tentar entender e me colocar no lugar do outro, porque essa pessoa talvez passe por uma situação que eu já passei.	Tolerância à diversidade	Método e objetivo
ENTREVISTA 2	questão do impacto da psicoterapia, talvez até no sentido educativo, porque a minha ideia com esse paciente - com toda essa dificuldade - era justamente dar uma força no narrar coisas, dele aprender a narrar situações, falar, porque ele tinha medo de falar antes, e a ideia de não ter certo e errado.	Aprendizagem como potencialidade	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 2	Aprendendo a gostar mais das escolhas que fez e faz, ou a assumir as escolher que ele fez na vida. Assumir as escolhas talvez seja a ideia da liberdade, passou a se aceitar mais dentro das escolhas, dentro das restrições.	Aprendizagem como potencialidade/ escolhas	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 2	Foi a da narrativa, esse exercício de aprender - aprender não, porque esse cara sabia falar, mas ele não via qualidade no que falava. A partir do momento que ele foi narrando as histórias que ele conhecia e eu fui demonstrando interesse no que ele trazia, e apontando que não tem essa hierarquia do que é bom e o que é ruim, o que é legal e o que não é legal, ele foi percebendo, se percebendo sabendo narrar.	Aprendizagem como potencialidade	Sentidos da Aprendizagem
ENTREVISTA 3	quando a gente está falando de psicoterapia a gente está falando do trabalho clínico, ele não é, não tem como e não deve ser voltado para a educação	Intenção do método/ O que é educação	Método e objetivo

ENTREVISTA 3	Eu acho que, lógico, toda atividade humana, tudo que a gente está no mundo, tem uma certa dose de conhecimento, de aprendizado, o trabalho terapêutico para mim, eu entendo como uma abertura de olhar, e sabe ao olhar para alguma coisa, a gente aprende muita coisa, mas eu vejo isso como uma consequência do trabalho, não como uma intenção do trabalho, não como um objetivo.	Aprendizagem como consequência inevitável da psicoterapia	Sentidos da Aprendizagem e Inevitabilidade do aprender
ENTREVISTA 3	O objetivo é aquela pessoa que vai mostrar esse objetivo, eu não vou apontar um objetivo, até porque o que pode ser um objetivo para mim, pode não ser para ele, mas agora, a educação, o aprendizado, não pode ser um intenção do terapeuta, mas acho que o aprendizado é uma consequência de muita coisa,	Objetivo	Método e Objetivo
ENTREVISTA 3	quando a gente vai no cinema ver um filme a gente aprende, quando a gente vai fazer um passeio na cidade, a gente aprende, e quando a gente tá na terapia, o olhar se abre, você vai articulando a coisa, e você aprende também. Eu não acho que com a terapia, você aprenda mais ou menos do que qualquer outra atividade que a gente faça.	Aprendizagem como estar no mundo	Sentidos da Aprendizagem e Inevitabilidade do aprender
ENTREVISTA 3	A gente vai aprender como consequência natural, é lógico, um idoso vai aprender num tempo, o adolescente em um outro, uma criança, muito mais. Então, o que tá mais vazio aprende mais, o que tá mais cheio de experiências assim, as vezes tem um pouco menos de espaço, isso vai acontecer em qualquer.. Estar no mundo é aprender, a gente aprende e não tem jeito.	Aprendizagem como estar no mundo	Sentidos da Aprendizagem e Inevitabilidade do aprender
ENTREVISTA 3	Repetição, repetição de erros, comportamentos, valores, a repetição não traz esse aprendizado, nem é a repetição, mas é ficar preso naquela pedra de salvação, que a gente vê muito isso, no consultório a gente vê muito isso da pessoa ficar presa nessa pedra de salvação.	Método	Método e objetivo
ENTREVISTA 3	Aprender a se desenvolver, essa palavra é interessante, tem a ver com largar o envolvimento com alguma coisa, precisa deixar algo ali, para seguir esse caminho.	Método	Método e objetivo

ANEXO I



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O que a gente aprende na psicoterapia? Uma análise de possíveis efeitos educativos em processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica-existencial

Pesquisador: Solange Aparecida Emílio

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75774623.0.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.578.505 **Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Chiara Galloni Tedeschi, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio. Cidas, no corpo do presente PARECER CONSUBSTANCIADO, nos campos: Apresentação do Projeto; Objetivo da Pesquisa; & Avaliação dos Riscos e Benefícios; foram extraídos do arquivo PDF denominado: "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2212867.pdf" resultado do preenchimento das 6 (seis) etapas do processo de submissão do presente PROTOCOLO DE PESQUISA, via sistema integrado nacional Plataforma Brasil.

O supracitado documento informa que "(...) Esta pesquisa pretende investigar os possíveis efeitos educativos da psicoterapia em abordagem fenomenológica-existencial. A intenção é compreender se as intervenções feitas em psicoterapias fenomenológicas-existenciais poderiam levar a aprendizagens. Com uma metodologia de revisão bibliográfica somada a 3 entrevistas com profissionais clínicos na abordagem - o objetivo é investigar a relação das experiências em

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

psicoterapia com as possíveis "aprendizagens" de um paciente que passa por um processo de cuidado na área de saúde mental.

Introdução:

O que a gente aprende na psicoterapia em abordagem fenomenológica-existencial? Para pensar em aprendizagens é preciso partir de uma visão ampla do processo de aprender e da educação. Na perspectiva fenomenológica de educação Critelli (1981) coloca a educação como uma possibilidade de desocultamento das potências de ser e libertação, Paulo Freire também amplia o processo ao diferenciar educação bancária de educação libertadora. A concepção de educação proposta por Freire (2016), em valorizar uma prática pedagógica pautada no diálogo e na criticidade, sendo feita a partir de uma relação horizontal entre os sujeitos agentes do conhecimento, seja educador, seja educando, possui sentido fenomenológico existencial tendo em a vida a noção de relação dos sujeitos entre eles e o mundo. (LOURENÇO, MENDONÇA, 2019, p.534) A visão de aprender como absorção de informações pelos alunos, de forma depositária ou bancária - enclausurada no lugar da escola e da sala de aula - não é só reducionista, mas vai na contramão da libertação e transformação, objetivadas e cultivadas pela educação libertadora de Freire e concepção fenomenológica de educação. Enquanto Freire elabora em sua obra a concepção de educação libertadora como aquela que coloca o sujeito como central em seu processo de aprendizagem, contextualizado em sua realidade concreta e material além de possível de conscientizar-se para transformar a sociedade - pautada no diálogo e na horizontalidade -, enfatiza sua oposição à educação bancária. Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. (FREIRE, 1974, p.49) Rezende (1990) apresenta a educação como processo de humanização dos sujeitos, colocando-os como ativos na história, sendo esta uma desalienação e apropriação do sujeito de si, de forma individual e coletiva. Assim, fica explícito que a aprendizagem em seu sentido amplo, não envolve apenas dois agentes: professor e aluno. Os autores evidenciam uma complexidade muito maior, uma relação com a sociedade e um esboço do sujeito enquanto ser indissociavelmente inserido na cultura, com aprendizagens que extrapolam conteúdos, na verdade Freire (1996) indica preparar para autonomia e transformação social, Rezende (1990) evidencia a coletividade, humanização, desalienação e Critelli (1981) o caminho para propriedade do ser.

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

Para a fenomenologia, de qualquer jeito, o ser não está separado do mundo, e o processo de aprender insere-se nessa indivisão. Para a fenomenologia existencial, essa consciência é intencional e é construída no mundo, sendo importante o conceito de ser-no-mundo. Dessa forma, não há possibilidade de falar em um eu individual, mas um ser em contato com o mundo a sua volta, estabelecendo relações intersubjetivas e é nessa intersubjetividade que o conhecimento se revela. (LOURENÇO, MENDONÇA, 2019, p.532) Rezende (1990) coloca que a aprendizagem é essencialmente humana e que trata-se de aprender "de maneira humana a ser homens para existirmos como tais" (REZENDE, 1990, p. 50). Nesse sentido, Freire (1996) expõe algo que é ontológico do ser, elaborando sobre a inevitabilidade do aprender. é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 1996, p. 57). Ao pensar o inacabamento temos esboçados dois pontos: a ontologia elaborada por Beauvoir, Sartre e outros existencialistas que contribuem para a fenomenologia-existencial, e a temporalidade fenomenológica, o por-vir como revelador dos sentidos e projetos de ser (Melo, 2022) desses sujeitos que são permanentemente educáveis, que estão em constante busca e mudança. Nesse sentido, há a noção de "homens como seres inconclusos" como foi citado por Freire (2016). O ser humano é entendido como um ser inacabado e isso faz parte da humanidade. Por isso, a busca pela liberdade é possível e é uma conquista a partir das escolhas efetuadas tendo em vista a ideia de não acabamento.

O sujeito não é fechado em si mesmo, é sempre um vir-à-ser em um fluxo temporal (BEAUVOIR, 2005; SARTRE; 1988). (LOURENÇO, MENDONÇA, 2019, p.532) Não sendo fechado-em-si e nem estático, o sujeito que aprende parece ser aquele que se apropria do seu projeto de ser, ou seja, projeta-se no futuro a partir do sentido desvelado. De acordo com Critelli (1981) a educação é justamente o ato de levar alguém para fora da condição inautêntica ou para a possibilidade de autenticidade. Ainda, é possível relacionar essa busca ou necessidade de mudança - protagonizada pelo paciente - com a ida a psicoterapia pela presença de sofrimento, isto porque, a psicoterapia de forma ampla é considerada arte e a ciência que se dedica ao alívio do sofrimento humano, decorrente de conflitos e desordens emocionais. (...) A psicoterapia é um processo comunicacional no qual uma pessoa (o profissional) comprehende e intervém em outra pessoa (paciente/cliente) que busca ser ouvida ou tratada. Esse atendimento pode ser individual ou grupal, para casais ou para famílias, podendo assumir práticas ampliadas como atendimento à

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes
UF:SP **Município:** SAO PAULO
CEP: 05.015-001

Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

comunidade, nas mais diversas combinações sociais e culturais. (GOMES; DE CASTRO, 2010, p.83) Outras concepções da psicoterapia podem ser investigadas, mas para os fins dessa pesquisa o mais relevante é compreender se para além do "alívio ao sofrimento humano", existem efeitos educativos e como estes aparecem. Isto posto, Gomes e De Castro (2010) sinalizam que há um objetivo "reeducativo" na psicoterapia, que vai em concordância com a hipótese aqui apresentada. Nas diferentes abordagens variam as técnicas e compreensões de como fazer as intervenções e, no caso da fenomenologia-existencial existe uma multiplicidade de vertentes. Os terapeutas baseiam-se em Heidegger, Sartre, Husserl (enquanto filósofos) e autores que elaboram sobre a psicologia e a clínica como Rollo May, Medard Boss, Binswanger - entretanto, evidencia-se uma dificuldade em delinear exatamente um respaldo comum na prática dos profissionais e, por isso, justifica-se a escolha de uma pesquisa qualitativa a partir de experiências pontuais.

Em uma retomada breve de como algumas práticas pautam-se na fenomenologia-existencial, Gomes e De Castro (2010) evidenciam os objetivos da psicoterapia como investigação da história do paciente (como nos demais métodos) mas não com a finalidade explicativa, com a finalidade compreensiva - visando desvelar o sentido e a potência de ser, os modos de ser, através da liberdade. Ainda, esta modalidade de terapia tenta fazer a pessoa experienciar sua totalidade humana ou compreender se e como não está realizando-a. Isto é, investigar como o paciente significa suas experiências vividas passadas e como projeta-se no futuro ao desvelar o sentido desse vivido. "O objetivo será alcançado o quanto mais rápido o terapeuta explorar, não as estruturas temporais, mas as estruturas espaciais do mundo de significação de um paciente." (GOMES; DE CASTRO, 2010, p.86). De todo modo, a relevância dessa pesquisa se dá pela necessidade de investigação da clínica psicoterápica em abordagem fenomenológica existencial e as especificidades do fazer de cada psicólogo. Orenha, Holanda e Goto (2020) demonstram que não há unanimidade dos terapeutas brasileiros que se consideram fenomenólogos da influência de Husserl e nem da diferença da psicologia fenomenologia husseriana para a psicoterapia realizada na contemporaneidade. Evidencia-se, portanto, que não há definição de um método homogêneo e, por isso, a investigação da relação da psicoterapia com a educação e a investigação das aprendizagens do paciente será feita através das experiências de profissionais clínicos na abordagem. Ainda, ao investigar como se dão alguns processos psicoterapêuticos e compreender os efeitos para além do cuidado com o sofrimento, coletiviza se o lugar da clínica, no sentido de investigar o que aprende-se em psicoterapia e como o que é aprendido pode ser relevante, contribuindo para a sociedade e transformando-a.

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

Ao aproximar o pensamento de Paulo Freire, a relevância social se explicita - a educação libertadora visa libertar e transformar a sociedade - ou seja, na hipótese de que há uma relação com a clínica e as aprendizagens nesse espaço evidencia-se a possibilidade de que haja efeitos secundários do tratamento para saúde mental, sendo estes - especificamente de interesse nessa pesquisa - as aprendizagens. Os processos de intervenção psicológica e os processos educativos (formais e informais), partindo da liberdade do homem, seriam possibilitadores da assunção de seu ser como um ser livre, que se encontra em tal situação por conta de suas próprias escolhas em meio às escolhas alheias e a certo mundo objetivo com o qual se depara, retomando-se, pois, que o homem nasce livre. O papel da psicologia e da educação seria o de levar esse homem à localização, precisamente, dessa sua condição no mundo, mediando seu processo de transcender-se para o seu campo de possibilidades de ser, muitas vezes não alcançado pela mistificação que envolve exatamente a natureza de seu ser (natureza aqui tratada como aquilo que o caracteriza), compreendida e aceita por ele a partir da cultura dominante como uma natureza determinada por condições exteriores a ele, e que, diante das quais, só lhe resta conformar-se. (MOREIRA; ROSA, 2014, p.420) Ou seja, a partir do que é exposto por Moreira e Rosa (2014), há um papel social que é tanto da psicologia quanto da educação por objetivarem a liberdade diante da compreensão de cada ser dentro do mundo e de suas possibilidades de ser. Entretanto, não fica explícito como se chega a esse objetivo. Como a psicologia intervém para tal? Se na psicoterapia, poderiam estes serem considerados aprendizados? O que vem se discutindo aqui, a relação da aprendizagem e educação com a psicoterapia não é exatamente inovadora, a percepção da psicoterapia como situação educacional pode ser considerada herança da psicanálise, que teve uma articulação com a pedagogia no princípio da exposição da clínica de Freud. Inicialmente o autor se mostrava esperançoso em relação ao papel da psicanálise para a educação, principalmente porque relacionava uma repressão educacional ao mecanismo do recalque.

Mais tarde em sua obra, desculpa-se por não dar a devida atenção aos processos educacionais. (TEIXEIRA, 2009) Em uma retomada histórica tem-se posto que "a partir da década de 90, assistimos a um crescente interesse de educadores pela teoria psicanalítica e de psicanalistas pela educação" (TEIXEIRA, 2009). Nesse sentido, na abordagem psicanalítica ainda são explorados os limites técnicos e teóricos do atravessamento psicanalítico na educação e vice-versa. Além de diretamente explorado por Freud, o problema já foi exposto em "A ética da psicanálise", por Thomas Szasz (1983). O renomado psiquiatra que foi precursor da reforma psiquiátrica nos

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

Estados Unidos discute em um breve capítulo a clínica psicanalítica como situação educacional. O autor, mais tarde, se debruçou em pensar a análise existencial como alternativa para o controle pela medicalização, inclusive discutindo a ideia de doença mental. Nesse momento introdutório, entretanto, o ponto relevante é que o autor reitera que "A ideia de que a psicanálise é uma atividade educacional, e não médica, não é recente" (SZASZ, 1983, p.79). O autor argumenta que a psicanálise é uma situação educacional e se aproxima da educação de diferentes formas, não expõe que sejam o mesmo processo (análise e educar), mas, didaticamente, coloca a ideia de situação educacional em três níveis: proto-educação, educação e meta-educação. A primeira, trata-se de uma forma simples de educação, na qual a aprendizagem é limitada a algo específico, não há como validar se a informação passada está correta ou não - é apenas uma transmissão específica. A segunda, a educação, possibilita que quem aprende saiba verificar a informação, e saiba buscar mais informação dentro de uma mesma lógica (categoria). A última, a meta-educação, trata-se de aprender a aprender - é ensinado o modo como se aprende, como avaliar-se dentro do processo de aprendizagem, as consequências da aprendizagem. Szasz afirma que toda psicoterapia é um processo educacional, mas a psicanálise engloba os três níveis. Isto porque, a psicanálise além de dar informações a respeito do sistema e símbolos (que seriam ferramentas para o conhecimento de si - educação), possibilita uma educação através do modo como se faz psicoterapia, ou seja, como cada paciente aprende as coisas e como se relaciona - se relacionando. Através da transferência e das interpretações, pelo exemplo, o terapeuta emancipa o paciente da própria terapia, educa para o autoconhecimento, ensina o método enquanto aplica-o. Segundo minha opinião, a contribuição distintiva do analista para o processo analítico não tanto no que ensina, mas em elevar a situação ensino aprendizagem a um nível novo e mais alto de discernimento e diálogo. (SZASZ, 1983, p. 81) Nesse sentido, o problema apresentado nesta pesquisa foi discutido brevemente na abordagem psicanalítica. Szasz coloca a psicanálise freudiana como situação assumidamente educacional - evidentemente, há debates quanto a essa afirmação, mas, é inegável que abre-se uma possibilidade de pensar o problema na psicoterapia amplamente, e na psicoterapia em abordagem fenomenológica, como aqui proposto.

De todo modo, Szasz assume que todas as psicoterapias são situações educacionais: como e por quê? A ideia é investigar este ponto, ou próximo a isto, dado que a pergunta que guiará o trabalho é: a partir do observado e vivido, podemos enxergar efeitos educativos na psicoterapia em abordagem fenomenológica- existencial? Ao perguntar para terapeutas se eles observam aprendizagens por parte de seus pacientes pretende-se encontrar relatos como o de Melo (2022)

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

que coloca, a partir de sua experiência, que Pessoalmente, como terapeuta, além de educadora que sou, nunca vi um processo clínico autêntico que não tivesse envolvido um processo educativo, já que ali ocorre uma intensa transformação no modo daquela pessoa ver o mundo. Isso porque um processo terapêutico envolve acesso a novas informações e crenças que se modificam ao passo que novos conhecimentos vão sendo incorporados. Do mesmo modo, nunca vi um processo de aprendizado que não fosse também terapêutico, já que, na medida em que aprendo algo sobre o mundo, tenho acesso a informações que me transformam, e essa transformação me liberta para experimentar novos modos de ser antes desconhecidos, "proibidos" ou interrompidos. (MELO, 2022, p.139). A presente pesquisa, portanto, tem por objetivo a investigação da aprendizagem nos processos de psicoterapia individual na abordagem fenomenológica-existencial. Isto é, objetiva-se compreender se, ao realizar um processo terapêutico, o paciente, além de tratar seu sofrimento, tem como outros resultados elementos que podemos considerar educativos.

Hipótese:

A psicoterapia fenomenológica-existencial atua na angústia construtiva enquanto possibilidade, ou seja, em um processo nessa abordagem a pessoa passa a entrar em contato com suas potencialidades. A perspectiva fenomenológica, ainda, exercita o método do aparecimento do fenômeno - o que leva a uma suspensão das suposições pré-existentes e possível tolerância a diversos cenários. Nesse sentido, hipotetiza-se que haja efeitos educativos na formação da pessoa enquanto autônoma, livre e potente para transformar as relações e a sociedade de forma autêntica

Metodologia Proposta: A metodologia desta pesquisa se dará de forma qualitativa, considerando a pesquisa em fenomenologia e combinando uma revisão teórica a três entrevistas reflexivas com profissionais clínicos na abordagem fenomenológica-existencial, determinados por amostra de conveniência. Desta forma, o caminho da pesquisa se estrutura em três etapas: revisão bibliográfica, entrevista reflexiva e análise das entrevistas a partir da fenomenologia e hermenêutica. Todas as etapas consideram a pesquisa em fenomenologia sistematizada por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019). Este método de pesquisa é situado, expõe quem pesquisa, onde pesquisa e as especificidades, e visa focar no "como" o fenômeno estudado - a aprendizagem em psicoterapia na abordagem - aparece. Nesse sentido, trata-se da compreensão do relato dos entrevistados como principal meio de acesso ao fenômeno. Nesta pesquisa, a primeira etapa consiste em fazer um

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

levantamento das pesquisas já existentes de articulação da fenomenologia com educação (especificamente a partir de Paulo Freire e comentadores). Nesse momento, será feita a apresentação de conceitos relevantes para a pesquisa no âmbito da educação - efeitos educativos, aprendizagem e processo educacional - e da fenomenologia - a partir de autores como Husserl e Sartre, assim como os comentadores que aproximam a filosofia da psicologia. A segunda etapa trata-se da coleta de dados a partir do instrumento denominado entrevista reflexiva (Szymanski, Szymanski, 2022).

Nesse tipo de coleta e instrumento, é preciso fazer um planejamento, contato inicial com possíveis entrevistados - e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - , fase preparatória, entrevista em si e devolutiva. O que particulariza o instrumento como entrevista reflexiva é a característica de considerar o diálogo horizontalmente e a possibilidade de verificação do compreendido. Ou seja, a entrevistadora tem a possibilidade de refletir, "curvar-se novamente sobre o que foi dito, considerar o que outra pessoa falou e tornar explícito o que foi compreendido". (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2022, p.249). Assim, se faz prevista a presença de uma questão desencadeadora que vai de acordo com o principal objetivo da pesquisa como um todo, e depois, questões espontâneas com ênfases diferentes, sendo elas: questões de síntese para resumir aquilo que foi dito pelo entrevistado a fim de possibilitar uma reformulação desejada e garantir compreensão; questões de esclarecimento para garantir que houve uma compreensão adequada da entrevistadora do que foi dito pelo entrevistado - sem julgamentos; questões aprofundamento que visam se debruçar em algum aspecto específico a ser investigado; questões de focalização, utilizadas quando o entrevistado foge do perguntado, servem para retomar o que visa ser investigado. Por fim, a última etapa consiste na análise, esta que será feita a partir do método fenomenológico e hermenêutico, sistematizado por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019) que retomam os conceitos de unidades de sentido e constelações. Este caminho de análise inicia-se lendo e relendo os relatos coletados para formar unidades de sentido e compreensão do fenômeno. Ainda, será retomado o contexto de pesquisa de forma a evidenciar que se trata de uma verdade revelada e não de verdade generalizável e definitiva, como de uma pesquisa quantitativa.

Caso seja possível - por questões de tempo - será feita uma devolutiva aos entrevistados com a pré-análise das entrevistas realizadas para que haja uma última oportunidade de que seja revisto aquilo que eles disseram, para garantir que a compreensão foi adequada, fortalecendo o método

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

escolhido.

Critério de Inclusão:

Profissionais que trabalham com psicoterapia em abordagem fenomenológica-existencial na cidade de São Paulo.

Critério de Exclusão:

Menos de 5 anos de trabalho com a clínica em abordagem fenomenológica-existencial e profissionais que trabalham de forma exclusivamente online (remotamente).

Metodologia de Análise de Dados:

Após a coleta de dados, será realizada a última etapa: a análise dessas entrevistas. O método escolhido será fenomenológico e hermenêutico, sistematizado por Szymanski, Szymanski & Fachim (2019). As entrevistas reflexivas serão transcritas e será feita a discussão do encontrado a partir de dois movimentos: conversa com o texto e organização em círculos hermenêuticos, unidades de sentido e constelações. Como trata-se de uma pesquisa fenomenológica, a análise consiste na forma de organizar o encontrado - a leitura e releitura dos relatos para a compreensão daquilo que remete a um mesmo potencial sentido e pode, portanto, formar uma unidade pequena e depois outra maior. Os resultados encontrados serão, desse modo, analisados a partir da fenomenologia e da hermenêutica - esta última, considerada como uma possibilidade de interpretar considerando a subjetividade, relatividade das verdades desveladas e contextualizadas no tempo, uma interpretação que permite aproximações artísticas e recursos poéticos para a compreensão e construção de conhecimento. Vale ressaltar que a pesquisa em fenomenologia prevê um andamento, uma caracterização da investigação como realizada em sua própria continuidade. Além disso, é esperada uma análise situada tanto no "onde" a pesquisa é realizada quanto no "quem" a realiza, que não visa generalizar e fechar a investigação, mas sim compreender o des-ocultamento do fenômeno como uma possibilidade de verdade - mutável e própria de uma existência (Critelli, 1996).

Assim, o fenômeno da aprendizagem nos processos psicoterapêuticos observados pelos profissionais clínicos entrevistados será singular e o ato de analisar é colocá-los em uma relação de singular-todo para agregar ao problema de pesquisa. O método de análise, portanto, se organiza a partir do diálogo com o próprio material coletado. Isto é, visando compreender "o todo

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

a partir do singular e o singular a partir do todo" (GADAMER, 2002b, p. 72 apud SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 12), realiza-se um movimento circular de compreender as partes do fenômeno estudado, visando estabelecer projetos de sentido e pedir sua confirmação ao próprio texto, para aglutiná-los em uma unidade e, depois, constelação (um "grupo" maior). Szymanski, Szymanski & Fachim (2019) explicitam o método de análise hermenêutico e fenomenológico a partir da produção de Gadamer, Heidegger e outros autores, enfatizando que é preciso ler de maneira flutuante, primeiro com uma escuta que visa perceber os sentidos daquilo dito (a intenção do texto), para, então, uma espécie de "conversa" com texto que visa desocultar o fenômeno observado. Apesar da pesquisa em fenomenologia estar circunscrita na visão de que o pesquisador influencia - e participa pela sua perspectiva - na coleta e análise realizadas, o método pode utilizar recursos para facilitar a conversa com o texto e a organização das unidades de sentido e constelações. Isto é, para que ocorra uma interpretação hermenêutica em geral são utilizadas perguntas para o texto que permitem uma hipótese de sentido e comentários da entrevistadora - quem analisa pode perguntar e procurar sentidos ao dialogar com as falas coletadas dos entrevistados. Depois, é esperado unir os sentidos encontrados em unidades e depois em círculos maiores, as constelações - que podem ser temas relevantes que englobam essas unidades de sentidos. Ou seja, o movimento feito nessa análise é o de ampliação do sentido encontrado, da parte para o todo, mas considerando o todo como circunscrito na pesquisa em seu contexto e limitações.

Por fim, após a organização das unidades de sentido, será realizada a articulação do revelado com os autores trabalhados a fim de ampliar a compreensão do fenômeno estudado. Cabe lembrar que não será feita uma generalização do observado, uma conclusão fechada - típica das pesquisas quantitativas - mas a apresentação do encontrado a partir do problema de pesquisa, que resultará na continuidade da investigação.

Desfecho Primário:

Ampliação do conhecimento - de profissionais da área - sobre os efeitos produzidos pela prática da psicoterapia fenomenológica-existencial

Tamanho da Amostra no Brasil: 3"

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral da pesquisa é investigar os possíveis efeitos educativos, ou aprendizagens, de processos psicoterapêuticos em abordagem fenomenológica-existencial.

Objetivo Secundário: *Analisar e discutir efeitos educativos e/ou aprendizagens observadas por profissionais que atuam em psicoterapia na área fenomenológica-existencial *Contribuir com a compreensão de como são os processos psicoterapêuticos na abordagem fenomenológica-existencial *Compreender se, na afirmativa de que existem efeitos educativos como secundários ao processos psicoterapêuticos individuais, eles geram transformações no âmbito social

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sabe-se que todas as pesquisas com sujeitos humanos envolvem algum tipo de risco. Nesta, para a compreensão dos possíveis efeitos da clínica na abordagem da fenomenologia-existencial e contribuir para a ampliação da compreensão do método, buscamos minimizar desconfortos ao optarmos por obter os dados sobre os atendimentos junto aos profissionais de Psicologia com experiência mínima de cinco anos e não envolvermos os pacientes de forma direta na coleta dos dados. Apesar deste cuidado, há o risco de o(a) profissional se sentir exposto(a) ao falar de sua prática ou temer ser julgado(a) ou criticado(a) em seu trabalho. Por este motivo, esclarecemos que não serão feitas comparações, críticas ou sugestões em relação ao trabalho relatado, seja no momento das entrevistas ou no tratamento dos dados. Além disso, será garantido o anonimato dos profissionais participantes e das pessoas que aparecerem em seus relatos, havendo a omissão ou alteração de dados que possam revelar a identidade das pessoas envolvidas. Mas, se mesmo assim ainda houver algum desconforto em sua participação, o(a) profissional entrevistado(a) poderá interromper, a qualquer momento, a entrevista e retirar a autorização para a utilização dos dados obtidos, sem nenhum prejuízo pessoal. Ainda, se necessário, a professora orientadora da pesquisa, Solange Aparecida Emilio, que é psicóloga, CRP 06/44593, coloca-se à disposição para um possível acolhimento, caso isso seja necessário em função da realização das entrevistas.

Benefícios:

Para os entrevistados, o benefício principal se dá pela reflexão sobre a própria prática clínica, que

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

acontecerá em ambiente seguro e mediado pela entrevistadora. Ainda, enquanto produção científica, a pesquisa contribui para a compreensão do método da fenomenologia-existencial e seus efeitos. Nesse sentido, esboça-se um diálogo com o lugar da clínica e seus benefícios intrínsecos enquanto processo de formação individual, possivelmente educacional e passível de extração do individual para a sociedade (a apresentação dos efeitos educativos que contribuem para um olhar transformador do âmbito social e individual). Os entrevistados, especialmente, contribuirão para a construção de um conhecimento que potencializa a psicoterapia e sistematiza seus efeitos para outros profissionais da mesma área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK

STATUS = APROVADO

2. TCLE - OK

STATUS = APROVADO

3. Ofício de Apresentação - OK

STATUS = APROVADO

4. Projeto de Pesquisa - OK

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 6.578.505

STATUS = APROVADO

5. Autorização para realização da Pesquisa - OK

6. Parecer de mérito acadêmico - OK

STATUS = APROVADO

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2212867.pdf	01/12/2023 20:45:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_revisado.pdf	01/12/2023 20:44:08	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Parecer Anterior	PARECER.pdf	09/11/2023 11:33:12	Solange Aparecida Emílio	Aceit
Outros	Roteiro_entrevista.pdf	09/11/2023 11:32:19	Solange Aparecida Emílio	o
Outros Declaração de Instituição e	oficio_de_apresentacao.pdf Declaracao.pdf	09/11/2023 11:31:25	Solange Aparecida Emílio	Aceit
		09/11/2023 10:30:30	Solange Aparecida Emílio	o
				Aceit

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes
CEP: 05.015-001

UF:SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br

o

Aceit

o

Página 13 de 14



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 6.578.505

Infraestrutura	Declaracao.pdf	09/11/2023 10:30:30	Solange Aparecida Emílio	Aceit
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	09/11/2023 10:27:02	Solange Aparecida Emílio	o
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	09/11/2023 10:26:24	Solange Aparecida Emílio	Aceit o
Folha de Rosto	Folha_rosto_Chiara.pdf	09/11/2023 10:25:53	Solange Aparecida Emílio	Aceito Aceit

o

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 14 de Dezembro de 2023

Assinado por:

Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF:SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br